

CLIPPING OF PETER BOOS'S ARTISTIC WORK

PRESS ARTICLES WHERE PETER BOOS IS MENTIONED
and quotes with free translations from Portuguese to English

Peter Boos e Alfândega 88

O jovem ator, integrante da Alfândega 88, cia. que reabre a partir de março o Teatro Serrador, dá detalhes do projeto que garantirá a existência de mais um teatro na cidade

Ant, produtor e designer gráfico, Peter Boos é graduado em Artes Cênicas – habilitação em Interpretação – pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Dentro outros espetáculos, atuou em “O Retorno ao Deserto”, de Bernard-Marie Koltès, “Labirinto”, com textos de Grupo Seta e direção de Luizov Andreievna, “Festa de Família”, baseado no filme de mesmo nome do movimento Dogma 95, com direção de Hiroe Gromleyev. Em “Edipo Rei”, de Sófocles, dirigida por Diego Molina, ele ganhou a menção honrosa por sua interpretação no Festival Estadual de Teatro do CBBB. É parte do elenco de “Joaquim e as Estrelas”, infantil de sucesso escrito pela jovem dramaturga carioca Renata Mizari, com direção de Diego Molina, e é integrante da cia. Alfândega 88, em parceria com o Moacir Chaves, Auréliu de Simoni, Diego Molina, e outros dez profissionais.



Peter Boos em trabalho de oficina a convite do Teatro Serrador. Novembro 2011

Como foi o início de sua carreira? Isso é uma pergunta que tenho de responder constantemente, pois, quando penso, já se nota um ar de dúvida. Além disso, acho que ainda estou no início da minha carreira, apesar de já fazer teatro há 13 anos. Minha família tem uma tradição teatral.

participação em cena foi na obra batizada, que caiu de seu julgamento no dia em que estavam realizando um ato de Natal. Ainda sendo o menino Jean na marajodora. Mas foi uma experiência, consegui a fazer teatro em grupo através do Espirito Santo, onde vivi, e me identifiquei imediatamente

com a trilha. Por isso, decidi prestar vestibular para a UNIRIO, onde me foquei como ator, já aqui no Rio. A passagem pela Escola de Teatro da UNIRIO certamente foi determinante para que eu encontrasse grandes parceiros, como esse trabalho até hoje.

Three pages interview named “Peter Boos and Alfândega 88”, given to the theatrical magazine “Star Palco”.

“besides being professionally important for us, it is also important for the city, as we leave a legacy”

“truly, what interests Moacir is the quality of what happens at scene, of the experience of the actor and the communication that he can have with the audience”

Rio de Janeiro. 2012.

objetivo é fazer uma oficina teatral, não apenas para fazer um projeto artístico, mas também para ensinar aos alunos a lidar com o teatro. Além disso, acho que ainda estou no início da minha carreira, apesar de já fazer teatro há 13 anos. Minha família tem uma tradição teatral.

participação em cena foi na obra batizada, que caiu de seu julgamento no dia em que estavam realizando um ato de Natal. Ainda sendo o menino Jean na marajodora. Mas foi uma experiência, consegui a fazer teatro em grupo através do Espirito Santo, onde vivi, e me identifiquei imediatamente

com a trilha. Por isso, decidi prestar vestibular para a UNIRIO, onde me foquei como ator, já aqui no Rio. A passagem pela Escola de Teatro da UNIRIO certamente foi determinante para que eu encontrasse grandes parceiros, como esse trabalho até hoje.

Como foi o início de sua carreira? Isso é uma pergunta que tenho de responder constantemente, pois, quando penso, já se nota um ar de dúvida. Além disso, acho que ainda estou no início da minha carreira, apesar de já fazer teatro há 13 anos. Minha família tem uma tradição teatral.

participação em cena foi na obra batizada, que caiu de seu julgamento no dia em que estavam realizando um ato de Natal. Ainda sendo o menino Jean na marajodora. Mas foi uma experiência, consegui a fazer teatro em grupo através do Espirito Santo, onde vivi, e me identifiquei imediatamente

com a trilha. Por isso, decidi prestar vestibular para a UNIRIO, onde me foquei como ator, já aqui no Rio. A passagem pela Escola de Teatro da UNIRIO certamente foi determinante para que eu encontrasse grandes parceiros, como esse trabalho até hoje.



Você é integrante da Cia. Alfândega 88, em parceria com Moacir Chaves e Diego Molina. Como se dá esse trabalho?

Meu trabalho é de diretor artístico. Eu sou responsável por todo o processo de produção, desde a concepção do espetáculo até a montagem em cena. Eu trabalho com um grupo de atores e técnicos, e meu objetivo é criar um espetáculo que seja relevante para a cidade e que deixe um legado.

Na verdade, o que interessa para o Moacir é a qualidade do acontecimento em cena, da vivência do ator e da comunicação que ele é capaz de ter com a plateia

Além de ser profissionalmente muito importante para nós, também é importante para a cidade, pois estamos deixando um legado.

truly, what interests Moacir is the quality of what happens at scene, of the experience of the actor and the communication that he can have with the audience

Como é trabalhar com o diretor Moacir Chaves? É um prazer trabalhar com Moacir, ele é um profissional muito experiente e dedicado. Ele sempre está atento aos detalhes e quer o melhor para o espetáculo e para o grupo.

Você foi integrante do projeto Alfândega 88, em parceria com Moacir Chaves e Diego Molina. Como se dá esse trabalho? Meu trabalho é de diretor artístico. Eu sou responsável por todo o processo de produção, desde a concepção do espetáculo até a montagem em cena. Eu trabalho com um grupo de atores e técnicos, e meu objetivo é criar um espetáculo que seja relevante para a cidade e que deixe um legado.

truly, what interests Moacir is the quality of what happens at scene, of the experience of the actor and the communication that he can have with the audience

De Vila Velha para o mundo

Atr capixaba Peter Boos brilha na pele do cartunista Henfil em "Eis, o Musical"

de LUISA TOSSE

Peter Boos, hoje com 28 anos, tinha apenas 17 quando se mudou para o Rio de Janeiro em busca de um sonho: a graduação em Artes Cênicas. Nascido em Vila Velha, mas criado entre Coqueiral de Aracruz e Santa Cruz, ambos em Aracruz, o ator descobriu a paixão ainda adolescente, em uma companhia de teatro do bairro.

Com muito trabalho, conquistou um papel na peça "Eis, o Musical", espetáculo de sucesso que conta a história de Elis Regina, e viu sua atuação ser aclamada pelo público e pela crítica em uma das cenas mais emocionantes da montagem, em que Lúcia Garin, que interpreta Elis, apresenta "O Bêbado e o Equilibrado" para o casamento. Henfil, personagem de Pedro Omiscial, dirigido por Deonir Carvalho, costuma em cena no Rio de Janeiro.

De três mil candidatos, Peter foi um dos 17 escolhidos após diversos testes. Ele conta que quase não acreditou quando soube que tinha conseguido o papel. "Eu já tinha cantado em algumas peças, mas não tinha feito um musical. Ganhar o mercado está crescendo



O capixaba (de laranja) em cena do musical como o cartunista Henfil

no Rio, acho que era uma oportunidade de fazer um trabalho mais variado, experimentar coisas novas. Para mim, foi um grandioso desafio. No início chegou em casa e chorava. A parte coreográfica era bem difícil", conta.

PRIMEIROS PASSOS

A trajetória de Peter no teatro começou aos 13 anos, na Oficina de Artes de Coqueiral de Aracruz. "Um professor meu, Jorge Luiz de Paula, fundou o grupo fazendo Cena, que existiu durante uns seis anos. Comecei a fazer teatro, fui me apresentando, e as pessoas começaram a me identificar como artista da região.

Não houve vestibular, escolhi Artes Cênicas".

Enquanto fazia o curso, o capixaba lá levando projetos em paralelo até que, no fim, fez uma disciplina com Moacir Chaves, um importante diretor de teatro. "Ele gostou de mim e me convidou para fazer uma oficina com ele, que era sobre a peça 'Macbeth', do Shakespeare. A Kathia da Canção e a Fabiana Nascimento faziam parte dessa montagem", detalha.

Depois, Peter trabalhou em várias peças até o teste para atuar no musical. "Sempre gostei muito de Elis, quando me propuseram fazer um musical, calhou de ser sobre ela", diz.

Sobre o personagem, Peter diz que interpretar Henfil é uma responsabilidade e uma honra. "É um artista com o qual me identifica. Ele questionava o mundo, usava seu talento para pensar questões sociais e por isso deixou um legado".

Na cena de Peter, há a reconciliação entre Elis e Henfil. Em 1972, Henfil publicou uma charge após Elis se apresentar para o cenário brasileiro em que ele "emertava" a cantora, por entender que ela defendia a ditadura. "Quando saio de cena, vejo a plateia de 900 e tantas pessoas tocadas. A carga histórica é tão grande que emociona as pessoas.

BATE-PAPO



"A POLÍTICA CULTURAL NO BRASIL PRECISA SER REPENSADA"

Peter Boos, 28, ator

Como está tudo de

repercutindo da peça? É muito bom fazer sucesso, porque trabalhar há muito tempo com teatro no Rio de Janeiro e tem cada vez menos gente na plateia. Desde a segunda semana, a casa está lotada. E olha que são 900 cadeiras.

Os atores são amigos? Tem muita piada?

O tempo inteiro. A gente tem um grupo no WhatsApp que tem mensagens o dia todo e é só brincadeira. A gente passa muito tempo juntos, mas de se encontrar, ir ao cinema, jantar.

Sempre quis ser ator?

Eu fui convocado para fazer teatro aos 13 anos porque sempre, em toda

libos de escola, usava teatro ou performances musicais. Quando fundei o grupo, me encantava. Me apaixonava.

Tem vontade de fazer TV ou cinema?

Não quero passar por dois meses em estúdios e criar novas séries e teleficar. Tenho mais vontade de atuar no cinema. Atorço por cartas e me identifico muito.

Como você vê o incentivo às produções teatrais no Estado?

Não com muita pena. Não sei do Espírito Santo, é a cara do Brasil. Existe uma polarização entre São Paulo e São Paulo e acho que não tem a ver com a cultura da manifestação em que a gente vive. Acho que a política cultural no Brasil precisa ser repensada, pois acaba sendo visto a escola de projetos patrocinados para as empresas, e as empresas acabam patrocinando só projetos com grande visibilidade, sem outros valores, só que é essencial promover outros projetos, outras iniciativas de arte e cultura.

Gosta do Estado?

Mé 17 anos, vivi em Santa Cruz, Coqueiral, Barra da Vitória. Adoro aquela região e sempre que posso faço uma visita.

"Cultural policy in Brazil needs to be rethought"

Interview titled "From Vila Velha to the World", given to the newspaper "A Gazeta", in Vitória (Espírito Santo). 2014.



“From Aracruz’s Coqueiral to the World”

Cover of the newspaper “Entrevista”. Aracruz, 2014.



“successful theater play that tells the story of Elis Regina, and saw his performance be acclaimed by audience and critics in one of the most exciting scenes of the play”

Interview titled “From Aracruz’s Coqueiral to the World”, given to the newspaper “Entrevista”, in Aracruz (Espírito Santo). 2014.

← → C <https://ninja.oximity.com/articulo/-Oi-eu-vou-pular-a-catraca-ta-Pul-1>

MÍDIA Em parceria com OXIMITY Busca Sobre Colabore Finance

18 fevereiro 2014 9:28 PM • Visualizações 6 • Pontuação: 1

"Oi, eu vou pular a catraca tá? Pulei"

por NINJA [Seguir](#) [Tweetar](#) [Gosto](#) [Partilhar](#)



Uma mulher entra no ônibus com um celular filmando, avisa ao cobrador que vai pular a catraca e assim o faz. Filma tudo, a reação dos indivíduos presentes e os debates gerados, expondo a contradição de quem não suporta a realidade brasileira, mas tenta deslegitimar as atitudes por mudança.

A performance artística de Fernanda Vizio e Peter Boos tem como mote o alto preço das passagens de ônibus no Rio de Janeiro, mas chama atenção ao suscitar uma questão: o que aconteceria se as pessoas decidissem não aceitar mais o que não concordam, simplesmente dizendo "não"?

“A woman gets into the bus with the cell phone turned on, says to the receiver that she will jump the turnstile and does it. She records everything, the reaction of the presents and the debate that arose, exposing the contradiction of those who do not stand the Brazilian reality, but try to delegitimize the change attitudes.”

Article named “Hi, I’m going to jump the turnstile, ok? I jumped”, of Mídia Ninja, independent media organized by activists, popular for giving voice to oppressed movements in Brazil. The article presents the performance art “Catracacatraca”, created by Fernanda Vizeu and Peter Boos. Rio de Janeiro, 2014.

NOVA FRENTE ALÉM DA DRAMATURGIA

Revelada na recente safra de novos autores de teatro cariocas, Renata Mizrahi estreia na direção com um texto inédito seu, 'Os sapos', a partir de hoje no Galpão do Tom Jobim

LUZ FELIPE REIS
luz.reis@globo.com.br

Além de se dividir entre uma série de projetos pessoais e encomendas, peças adultas e infantis, trabalhos no teatro e na TV, a autora Renata Mizrahi abre mais uma frente e, além de assinar o texto, estreia hoje a sua primeira direção, da peça "Os sapos", que chega ao Galpão do Espaço Tom Jobim.

— A princípio eu não ia dirigir, chamei a Inez (Viana), fizemos uma leitura, mas como não consegui captar os recursos necessários, tive de fazer uma escolha.

A decisão não a levou apenas a assumir a direção de uma peça sem patrocínio, mas a empenhar recursos próprios para a viabilização do trabalho.

— Eu investi em todos os sentidos. Além de assumir a direção, coloquei dinheiro meu, estou falida — diz a autora. — Mas eu tinha que encarar esse desafio.

Em seu favor, Renata teve a adesão imediata de um elenco experiente, composto por cinco atores de diferentes companhias cariocas: Verônica Reis (Cia. Atores de Laura), Paula Sandrone (Cia. Os Fudidos Privilegiados), Peter Boos (Cia. Alfândega 88), Gisela de Castro (Cia. Teatro de Nós) e Ricardo Gonçalves (Cia. Confraria da Paixão). Em cena, dois casais em um estágio de campo e suas relações alteradas pela chegada de uma mulher solteira, vivida por Verônica Reis.

— Eles facilitaram muito o meu trabalho — diz. — Direção é a arte da generosidade e da escuta. Não é o que você quer, mas um acordo. Você tem que estar atento, aberto para ouvir o que os atores propõem, porque muitas vezes eles trazem soluções que são muito melhores que as suas.

Além da estreia de "Os sapos", que investiga, sobretudo, a dependência nos relacionamentos amorosos, Renata estará com duas outras peças em cartaz em julho, Encenadas



Variedade. O elenco de "Os sapos": atores de cinco companhias do Rio numa peça sobre a dependência no amor



"Direção é a arte da generosidade e da escuta. Não é o que você quer, mas um acordo. Você tem que estar aberto"

Renata Mizrahi
Dramaturga

pela primeira vez no ano passado, "Caixa de phosphorus" reestrea dia 6 no Teatro das Artes, na Gávea, com direção de Susanna Kruger, enquanto "Bette Davis e a máquina de coca-cola" faz temporada na Casa Laura Alvim, a partir do dia 5. Desdobramento de um esquete de Jo Bilac, a peça tem direção de Diego Molina e versa sobre as pressões do cotidiano.

— São peças completamente diferentes. "Caixa..." é uma história de amor fofinha, romântica, já "Bette..." fala das neuroses do cotidiano, e "Os sapos" investiga uma espécie de prisão emocional, casais que se mantêm mesmo sabendo que a coisa não dá mais certo — diz. — A "Caixa..." foi uma encomenda, "Bette..." foi uma criação compartilhada, e "Os sapos" é um projeto meu. O que me faz aceitar um convite ou começar uma história minha é uma identificação com o tema. Escrever não é fácil. É preciso estar conectado, e eu preciso querer fazer o projeto como se ele fosse meu.

Vencedora do Prêmio Zilka Salaberry pelo texto dos infantis "Joaquim e as estrelas" (2010) e "Coisas que a gente não vê"

(2012), Renata também terá duas novas peças para crianças e adolescentes que estreiam simultaneamente em 17 de agosto: "Jardim secreto", no CCB, com direção de Rafaela Amado e Mariah Swartz, e "Nadistas e nadistas", no Oi Futuro Flamengo, com direção de Daniel Herz. Apesar das novidades, ela diz que o objetivo é dar uma guinada ao teatro adulto.

— Nunca deixei de escrever teatro adulto, mas por conta dos prêmios veio uma associação maior ao infantil e muitos convites. Eu sou autora, então escrevo infantil, comédia, barba pesada. Mas sinto que o momento é fazer teatro adulto. "Os sapos" reafirma isso. É um texto maduro.

Composto por experiências pessoais e depoimentos de amigos, "Os sapos" é um texto realista, mas que mira no imponderável, no jogo de forças interno que mantém relações (ir)reais, amarradas por laços que já não representam uma realidade amorosa.

— Eles até tentam se livrar uns dos outros, mas não conseguem. Sapos, nesse sentido, são os sapos que você acaba engolindo quando tenta manter uma relação sem saída. ■

"In her favor, Renata had the immediate adhesion of an experienced cast, composed of five actors from different Rio companies: Veronica Reis (Co. Atores de Laura), Paula Sandrone (Co. Os Fudidos Privilegiados), Peter Boos (Co. Alfândega 88), Gisela de Castro (Co. Teatro de Nós) and Ricardo Gonçalves (Co. Confraria da Paixão)."

Article of the national newspaper O Globo, bringing the premiere of the theatrical play "Os Sapos", written and directed by Renata Mizrahi. Rio de Janeiro, 2013.



“Four critics analyse Tchekov’s play”

Cover of one of most important Brazilian newspapers, with call to the culture section. In the highlighted picture is the cast of “O Jardim das Cerejeiras” (The Cherry Orchard) by Anton Chekhov, which Peter Boos was part. In the photo: Gláucio Gomes and Deborah Evelyn (above), Peter Boos and Monica Biel (under).

Moacir Chaves se cerca de uma nova companhia

Diretor inaugura a Alfândega 88 com montagem de peça do autor gaúcho Qorpo-Santo, precursor do teatro do absurdo

Mauro Veritas

Por duas vezes o diretor Moacir Chaves esteve perto de ter uma sede para abrigar uma companhia de teatro. Da primeira vez, no fim dos anos 90, chegou a dar um cheque-caução para comprar uma casa na Lapa. Mas não houve consenso no grupo e ele desistiu. Pouco depois, participou de um leilão. Ele e outro homem ficaram até o fim da disputa:

— Quase ganhei. Mas não teria dinheiro para a reforma. O vencedor transformou a casa, em Santa Teresa, num cortiço.

Éra a época em que o diretor tinha a Pássima Companhia, que terminou porque não se constituiu como um núcleo permanente de trabalho. Agora, Chaves inaugura um novo grupo, Alfândega 88 Cia. de Teatro. Os integrantes estão empacados no projeto.

— Tem que ser assim. Afinal, é muito sacrifício. Começamos a ensaiar sem dinheiro. São pessoas interessadas num trabalho contínuo, a longo prazo.

'Labirinto' estreia dia 10

A peça que marca o começo da companhia é "Labirinto", do gaúcho Qorpo-Santo, que estreia dia 10 no Espaço Sesc. Chaves sabe o tamanho do desafio que tem pela frente. Antes da Pássima Companhia, ele teve outro grupo, o Cito-Teatro, fundado com a atriz Denise Fogaça.

— Ninguém nos conhecia. Fazíamos avaliações em escolas.

A diferença de agora para as experiências anteriores é que o comprometimento de todos é maior. Ele explica a decisão:

— Temos que conseguir instaurar espaços teatrais em que as pessoas trabalhem sem interrupção e assim permanecer continuamente. Isso contém qualidade da qualidade artística e dignidade profissional.

Para ele, a indústria televisiva,



Leonardo Ferraz

MOACIR

CHAVES: apesar dos sacrifícios, ele acha que abrisse espaços para trabalhar sem interrupção e ser remunerado continuamente

lantes. O crítico Yan Michalski diz que ele era "umdo provávelmente, o primeiro precursor mundial do teatro do absurdo".

— Ele é muito pouco conhecido e reconhecido. É uma aparição no teatro brasileiro que precisa ser mais explorada. Questiona as estruturas sociais, sexuais, mentais — diz Chaves.

Um dos textos, "As relações naturais", faz uma crítica à família. As filhas são prostitutas, o pai é cliente, a mãe é castrada. "A separação de dois espaços" mostra um marido que encontra a mulher com um amante e sai às ruas com um punhal.

— Ela contém o que talvez seja a primeira cena homossexual do teatro brasileiro. Dois personagens têm uma relação espiritual, mas um quer ultrapassar isso e ir para a relação carnal — diz ele, explicando que na peça aparece ainda a questão política. — Chega-se a questionar: "Para que serve um partido político?"

Autor descoberto após cem anos

"Hoje sou um, e amanhã outro" apresenta um nó dentro de conspirações internas e inovações externas. Trata do anseio de fazer o bem na esfera da governança pública. No fim, resta a impossibilidade de agir assim.

— Ele escreveu todos esses textos num impulso só, em 1886. E é um autor que só foi descoberto nos anos 1960, com anos depois. A liberdade dessa época é que permitiu que se entendesse a poética dele — diz Chaves, contando que por isso o visual da peça é da época. — Há um certo psicodelismo. Os figurinos, os cabelos, a trilha são da década de 60.

Chaves conheceu a obra de Qorpo-Santo quando estudava na Unirio. Sobre o autor, afirma que se seguiu após os anos 60, ele artístico:

— Talvez ele ainda seja muito moderno para nós. Estamos ficando cada vez mais castrados. ■

va, com seus contratos, não pode ser o único local que permita exercer a profissão de ator com estabilidade. E para isso é preciso uma mudança de mentalidade:

— Existe muita coisa para teatro no Rio. Mas ela é destinada a produtos isolados. É necessário mudar o foco e definir melhores condições aos métodos de trabalho. É desperdício de tempo e energia só reservar verbos para peças anuais. Não há criação de vínculos. A cada vez é preciso começar do zero. "Opera do malandro", do Charles Muelier e do Claudio Botelho, deveria estar em cartaz até hoje. Mas eles tinham que ter teatro próprio, elenco contratado, infraestrutura — exemplifica ele, que está em cartaz dirigido Chico Dias na peça "A lua vem da Ásia".

Diretor de espetáculos como "Bugaria", "Macbeth", "Ovo frito", "Utopia", "O jardim das crianças", "O mex da gripe", "A malfeitoria acidental de Arturo U", e "Ecos da insipiente", Chaves e outros três integrantes estão destinando quase 100% dos rendimentos dessa primeira montagem para a formação de um espaço que servirá para ensaios, treinamentos vocais e corporais, desenvolvimento de linguagem e estética próprias. Já estão procurando, na Lapa, no Centro e na Glória.

— Se o ator fica sem trabalhar, a musculatura embota. Ele deixa de falar o texto com força, vigor, intensidade, potência, clareza — explica ele, dizendo que a utopia é, numa segunda

comparação, um sonho.

A Alfândega 88 conta com seis atores e sete atrizes: Katiúscia Canoro (a Lady Kate de "Zorra Total"), Elisa Pinheiro, Diego Molina, Peter Boos, Adriana Seifert, Andy Gercken, Danielle

Martins de Farias, Denise Pimenta, Fernando Lopes Lima, Gabriel Delfino, Gabriel Gornito, Mariana Galmaries e Pâmela Cito. A ideia surgiu após dois cursos que ele deu em 2010.

O nome da companhia faz referência a um episódio ocorrido em fins dos anos 1880, quando um negociante português voltou da Itália com uma negra livre, que visitou a procura da filha libertada. As duas acabaram trabalhando três anos como escravas num estabelecimento comercial situado no endereço Rua da Alfândega 88, para pagar a libertação da moça. A história deu origem a um longo processo judicial, como se pode ler no livro "Visões da liberdade", do historiador Sidney Chalhoub. Esse texto vai servir de base para o próximo espetáculo da Alfândega 88, "A negra Felicidade".

— O Brasil precisa purgar seu passado. As relações so-

ciais e humanas aqui ainda são muito regidas pela escravidão.

Antes de levar ao palco essa história, ele vai encenar, em junho, "O retorno ao deserto", de Bernard-Marie Koltès. Mas não será com a companhia, apesar da presença de três atores da Alfândega 88. O espetáculo, produzido por sua mulher, Mariana Seifert, faz da volta de Marilène à França após morar na Argélia.

"Labirinto", montado com verba do Fundo de Apoio ao Teatro (Fate), reúne textos de Qorpo-Santo, como se autotitulos o dramaturgo José Joaquim de Campos Leite, considerado um gênio visionário por antecipar questões como liberdade sexual, direito ao prazer e emancipação feminina. Por volta de 1886, sofreu silicose e foi internado. Criou sua própria tipografia e editou a "Enciclopédia ou seja nunca de humana esterilidade", com nove vo-

"Alfândega 88 has six actors and seven actresses: Katiúscia Canoro (the Lady Kate of "Zorra Total"), Elisa Pinheiro, Diego Molina, Peter Boos, Adriana Seifert (...)"

Interview given by Moacir Chaves to O Globo, one of most important Brazilian newspapers, telling about his new theater company. Rio de Janeiro, 2011.



Column Ancelmo Gois, one of the most famous newspaper columns in Brazil, mentioning the scene between Elis Regina and Henfil (Laila Garin and Peter Boos).

“Elis, a musical (Elis, the musical)

Nelson Motta, one of the authors of ‘Elis, a musical’, went to tears when watched the rehearsal for the first time.

Ivan, son of Henfil, was also touched in the scene when Elis reconciliate with his father. The premiere of the musical theater play is on next 8th, in Oi Casagrande Theater, Rio.”

Rio de Janeiro, 2013.

RIO SHOW

Botafogo ganha casa de cultura alemã

Baukurs tem cineclube, cursos variados, exposições de arte e música ao vivo

• Se fosse no mundo da literatura, deveria se chamar Mefistófeles o corretor de imóveis que levou a fundadora do curso de língua alemã Baukurs, Thea Schünemann de Miranda, para conhecer um casarão vazio de dois andares à venda em Botafogo. O prédio fica na desconhecida e muito apropriada Rua Goethe, que homenageia o maior escritor da língua germânica, autor de "Fausto". Já decidida a comprar o imóvel para instalar ali um centro cultural, ela comentou com o amigo alemão Peter Sochaczewski, pai da atriz Renata Sorrah, que finalmente tinha encontrado o endereço de seus sonhos. Pouco depois, o mesmo corretor telefonou para Sochaczewski, seu cliente, contando que havia uma interessante numa propriedade dele... na Rua Goethe. Referia-se a Thea, claro.

Renata Sorrah, que também é grande amiga da diretora do curso, está na lista de convidados da festa de inauguração do Baukurs Cultural, a partir das 18h de hoje. Ela, Thea, a atriz Deborah Evelyn e o professor e tradutor Carlos Abbenseth lerão poemas germânicos em português e brasileiros em alemão. A cerimônia, aberta ao público, incluirá dois vernissages, um de uma exposição com 21 reproduções originais emolduradas de quadros do pintor austríaco Friedensreich Hundertwasser e outro de 15 obras abstratas de Fayga Ostrower, divididas entre gravuras em metal, serigrafias e litografias. Haverá também coquetel e apresentações do grupo vocal Boca Que Usa e do conjunto de samba e chorinho Samba com Chucrute. O "chucrute" do nome é uma alusão ao filho de Thea, que toca flauta e surdo, e a outro integrante de origem teutônica, que toca cavaquinho.

Atividades culturais já existiam no curso Baukurs, que fica no Jardim Botânico e foi fundado em 1978. Aquele gru-



A FACHADA do Baukurs Cultural, com um mosaico feito pela sua própria diretora, Thea Schünemann

Ana Branco



THEA Schünemann (à esquerda) e Noni Ostrower dentro do prédio

Leonardo Aversa

po de chorinho, por exemplo, nasceu lá. Lançamentos de livros, palestras e exibição de filmes também eram rotineiros. No novo espaço, essas e outras atividades — como cursos de literatura, teatro, mosaico, canto coral, culinária e até física quântica — serão realizadas em duas salas de aula, uma de exposição, um cinema com vinte poltronas confortáveis e um ateliê, este especificamente para as classes de artes plásticas.

O cineclube tem sessão todo sábado, às 19h, com entrada franca. O filme do dia 17 se-

rá "Bicho de sete cabeças".

A maior parte dos cursos é paga, e a renda será usada na manutenção da casa, que não tem patrocinadores. No entanto, há alguns que são gratuitos e não menos interessantes.

— Johannes Kretschmer fará duas oficinas gratuitas. Uma é sobre a relação entre cinema e literatura, baseada no caso específico de "Morte em Veneza", de Thomas Mann, que virou filme de Luchino Visconti. Será ministrada em português. A outra é sobre como incluir a literatura no ensino de línguas, e será

em alemão. Susanna Kruger dará um curso gratuito de reciclagem para professores de teatro. O curso de canto coral, que dará origem ao Coro Baukurs, não é grátis, mas é bem barato. Custa R\$ 60 mensais, com aulas toda quarta-feira — destaca o coordenador cultural da casa, Peter Boos.

Livros de Fayga Ostrower disponíveis em biblioteca

O campeão de inscrições (com 14 matriculados), por enquanto, é um curso de interpretação para atores do diretor Moacir Chaves. Custa R\$ 540. A programação completa pode ser vista em www.baukurscultural.com.br.

No piso térreo, há ainda a Biblioteca Fayga Ostrower, feita sob os auspícios da filha da artista, Noni Ostrower.

— Nós, da família, doamos cerca de 200 livros da minha mãe ao Baukurs Cultural, em vários idiomas e sobre vários assuntos. Há livros de biologia, de História, de física, de poesia, de teatro, etc. Há muitos em inglês e em alemão. Para o acervo do Instituto Fayga Ostrower, guardamos os livros de arte dela — diz Noni. ■

Article titled "Botafogo wins German culture house", in O Globo. Rio de Janeiro, 2010.

"The choir singing course, that will originate the Baukurs Choir, is not free, but really cheap. It costs R\$ 60/month, with classes every Wednesday – highlights the cultural coordinator of the house, Peter Boos."

FOLHA DE S. PAULO
 UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
 SEGUNDA-FEIRA, 19 DE JANEIRO DE 2014 18:30

cotidiano | educação | folha verde | rio de janeiro | crise da água | mobilidade urbana | 2 áreas de habitat

Rio de Janeiro

Chuva interrompe musical sobre Elis Regina em teatro no Leblon

DO RIO
 19/01/2014 18:30 - Atualizado em 17/01/2014 às 18:46

O temporal que atingiu a região metropolitana do Rio interrompeu a peça "Elis, a musical", que acontecia no fim da tarde desta quinta-feira no teatro Oi Casagrande, próximo ao Shopping Leblon, na zona sul. Uma placa teria se desprendido do teto e a plateia acabou atingida pela água da chuva.

Ninguém se feriu por conta do acidente, mas a apresentação iniciada às 17h teve de ser interrompida. A seguinte, às 21h, ocorreu normalmente.

Nas redes sociais, espectadores compartilharam fotos e expuseram a frustração pelo entretenimento que teve de ser paralisado. Segundo relatos, a performance foi interrompida durante o segundo ato por força da água. Segundo os organizadores, todas as pessoas que estavam na sessão poderão apresentar os cachorros e receberão ingressos para novas sessões.

O ator Peter Boos, que interpreta Henfil no musical, postou uma foto em que simula ter feito uma sabotagem na caixa central de energia do teatro e escreveu em sua página no Facebook: "Hoje choveu tanto que faltou energia no meio da sessão de Elis, A Musical que a apresentação teve que ser cancelada. Sinto muito pelo público que não conseguiu ver o espetáculo, mas manter o humor é essencial".

Em nota, o teatro Oi Casagrande informou que uma placa de vedação acústica se desprendeu do teto, caindo em um corredor lateral, sem atingir ninguém. Segundo o teatro, a apresentação prosseguiu mesmo após o incidente e só foi interrompida depois, por falta de energia elétrica.

De acordo com a nota, o incidente com a placa aconteceu por causa de "obras realizadas em dependências de terceiros, que serão notificados". Ainda de acordo com o teatro, o local foi vistoriado pelo Corpo de Bombeiros e pela Defesa Civil, sem que fossem encontradas irregularidades. ★ ★ ★

leia também

- Com frente fria, São Paulo deve sofrer a tor temporais na sexta
- Chuva fecha aeroporto, para metrô e causa falta de luz no Rio

FOLHA VERÃO
 situação das praias (situações nos aeroportos)

especiais

- Conheça dez projetos com abordagens originais
- Está sem água? Envie seu relato ou imagem

TUDO SOBRE CRISE DA ÁGUA
 siga a folha

RECIBA NOSSA NEWSLETTER

coLEção FoLHA
FOLCLORE BRASILEIRO PARA CRIANÇAS
 APENAS R\$ 17,90

O fim do Brasil
 Felipe Hazzeld
 Apresenta um panorama ilustrado sobre a economia brasileira

Tudo último domingo do mês junto com a Folha.

De R\$ 20,00
 Por R\$ 25,90

Comprar

“The actor Peter Boos, that plays Henfil in the musical, posted a photo in which he simulates having done a sabotage in the theater’s power central box and wrote on his Facebook’s page: ‘Today it rained so much that there was a power interruption during the session of Elis, A Musical and the performance had to be cancelled. Sorry about the audience that couldn’t see the show, but keep up the good humor is essential.’”

Article of Folha de São Paulo, one of most important newspapers in Brazil, about the interruption to the musical play “Elis, A Musical”. Rio de Janeiro, 2014.

Interview with Peter Boos, given to A Tribuna, second most important newspaper in Espírito Santo, Vitória, 2008.

Destaque

PETER BOOS

Em 2006, após terminar o Ensino Médio, o jovem Peter Boos saiu de Coqueiral de Aracruz para cursar a faculdade de Artes Cênicas no Rio de Janeiro em busca do sonho de se tornar um ator profissional. Deu certo. Hoje, aos 22 anos, o rapaz integra o elenco da peça "Os Jardim das Cerejeiras", no Rio de Janeiro, sucesso de público e crítica.

Sua formação teatral começou há 10 anos, com o professor Jorge Luiz de Paula, do grupo Fazendo Cena, de Aracruz. A dedicação que começou cedo se refletiu no prêmio de interpretação que ele ganhou na II Mostra Estudantil de Teatro do Rio de Janeiro.

Após esse prêmio, Peter

foi convidado para participar de uma leitura do "Auto da Compadecida", em comemoração aos 80 anos de Ariano Suassuna, dirigida por João Falcão, roteirista do filme de mesmo nome.

No ano passado ele integrou o elenco do clássico "Macbeth", de Shakespeare, no qual contracenou com Bruce Gomlevsky (que atualmente interpreta Renato Russo no teatro), Katiúscia Canoro (que agora faz a cômica Lady Kate) e Fabiula Nascimento, que estrela o filme "Estômago".

Por enquanto Peter se dedica exclusivamente à peça e ainda estuda possibilidades de novos trabalhos em teatro para o ano que vem.

...pudesse tomar uma decisão, qual seria?

- Certamente estaria com muita dor de cabeça, com tantos problemas para resolver. A decisão seria tomar remédio para enxaqueca. Depois, quem sabe, dar um pouquinho mais de humanidade para o ser humano.

- Se você soubesse que o mundo acabaria amanhã, para quem você ligaria?

- Para os meus entes queridos e amigos. Faríamos uma reuniãozinha aqui em casa antes do evento.

- Quando foi a última vez que você chorou?

- Choro sempre. É até difícil contabilizar. Provavelmente foi logo depois de ver um filme engraçado, mas com liçãozinha no final... Ou talvez depois de uma bela propaganda... Ou ainda de saudade da minha avó ou do tempo que eu morava em Coqueiral.

- Quando foi a última vez que você riu?

- Ao ler esta pergunta.

- Você tem medo de quê?

- Tenho medo do esquecimento. De esquecer memórias boas.

- Qual o seu maior pecado ecológico?

Meus pais são biólogos e meu irmão e eu fomos criados com muita consciência ambiental. Se ele existe, Deus que me perdoe.

- O que você faria se não fosse proibido?

- Xingaria o George Bush de idiota em rede nacional. Ih, acho que não é proibido! Deixe-me anotar para futuras possibilidades.

- Um vício?

- Tenho vício de andar na rua observando as pessoas. Passo os meus dias quase inteiros fazendo estudos antropológicos. Pensando no que lava as pessoas a fazerem as coisas que fazem e serem como são. Talvez seja a percepção de um ator, que está sempre estudando cenas. É como se tudo fosse encenação.

- Quem é o seu símbolo sexual e o que você faria diante dele?

- Não tenho símbolo sexual. Mas acho a Natália do Vale um mulherão. É a minha admiração pelo Cantano é tão grande que chego a achá-lo o homem mais atraente do Brasil. Para ela, diria: "Natália, você não sabe quantas vezes já comentei 'que mulherão' ao ver uma cena sua". Diante dele, não faria nada. Ficaria estatelado.



Artista de Aracruz se destaca no teatro nacional

Clara Melgar

Peter Boos nasceu em Vila Velha, Espírito Santo, mas foi criado no município de Aracruz. Seu pai, os biólogos Miguel Boos responsável pelo Passeio de Escuro no manguezal do Rio Pinquê-Açu, em Santa Cruz — e Marcia Vansóte, pesquisadora do Incaper (Instituto Capixaba de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural) foram os responsáveis pela criação da Estação de Pesquisa e Cultivo de Camarão, na Barra do Sahy, no final dos anos 80. Peter Boos começou a fazer teatro há dez anos, com o professor Jorge Luiz de Paula,

responsável pelo grupo amador de teatro Fazendo Cena. O grupo desenvolveu diversas atividades artísticas no bairro de Coqueiral, sediado na Oficina de Artes.

Após o término do Ensino Médio, em 2006, Peter foi aprovado no vestibular para o curso de Artes Cênicas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. O curso teve duração de 4 anos e lá aprimorou as técnicas e o talento primeiro desenvolvidos por Jorge Luiz. No último ano de curso, Peter ganhou um prêmio de interpretação na Il Mostra

Estadual de Teatro do Rio de Janeiro, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) do Rio. Após esse prêmio, Peter foi convidado para participar de uma leitura do Auto da Compadecida, em comemoração dos 80 anos de Ariano Suassuna. A leitura foi dirigida por João Falcão, cineista do filme de mesmo nome, com a participação do grupo os Surtados, do qual faz parte Rodrigo Fugantes (o Patrick de Zorra Total). A convite do diretor Moacir Chaves, que foi seu professor na Escola de Teatro da UNIRIO, participou de uma oficina sobre o texto 'Macbeth', de William Shakespeare.

Da oficina, foram selecionados 12 atores para a montagem da peça, dentro os quais, Peter. 'Macbeth' estreou em agosto de 2007. No elenco estavam Bruce Gombivsky (conhecido por sua famosa atuação na peça Rinsô Russo, em que interpreta o pai), Kátia Carla Castro (estrela descoberta esse ano pelo Zorra Total, onde faz a personagem Lady Kate) e Fabiana Nascimento, agora estrelando o filme Estômago.

Após encerrarem as apresentações de



Peter Boos, destaque no teatro nacional

Macbeth, Peter foi novamente consultado por Moacir para integrar o elenco de 'O Jardim das Coreógrafas', dirigido por Deborah Evelyn.

Os ensaios aconteceram de fevereiro a maio de 2008. A peça voltou ao cartaz dia 21 de julho, de que foi indicada ao Prêmio Shell de Teatro em duas categorias: figurino (Inês Salgado) e música (Uma Taborda).



Peter Boos contracenando com Deborah Evelyn (à dir.)

“Artist from Aracruz stands at national theater”

Interview to the newspaper Entrevista. Aracruz, 2008.

Teatro: CCBB
abriga festival
a partir de
amanhã • 2

SEGUNDO CADERNO

Arte: Entrevista
com o novo
presidente da
Bienal • 3

QUINTA-FEIRA, 4 DE JUNHO DE 2009



BRUCE SONDLEVSKY (de pé) dirige a espetáculo "Festa de família", sua estreia em dia 10 no CCBB. A peça transpõe para o palco o filme homônimo de Thomas Vinterberg, um dos pilares do Dogma 95

Rafaela Figueira

Vale, política e a peça "Festa de família", transposição teatral do longa-metragem homônimo do

Sobras do Dogma

Diretor do filme 'Festa de família', que virou peça, Thomas Vinterberg avalia os rumos do movimento que se propôs a reciclar o cinema

andar com manifestos de cunho ético — o Dogma Festiva, de Jefferson De, indilene contra o preconceito racial; que Sílvia "Ole-traiça para a morte" — e 4000 — o Teatro (Teatro de Pesquisa Algo de Ligeiro e Mo-dernamente Ambíguo), de Alexandre Mo-dolo, diretor de "Casa de gato".

— Poderia dizer que, todos esses anos após a Legião, Lars e eu ainda temos a que

deu amêndoa de Garçon) — diz Vinterberg

Cineasta agora finaliza o drama "Submarino"

• Ocupado com a finalização do longa "Sub-marino", um drama sobre dois irmãos há- bitados no período, Vinterberg dialoga e colab- ora também de maneira a filmar que o cineasta, então para o palco pelo dramaturgo David Fridberg. Na versão para o CCBB, o ator Bruce Sondlevsky dirige a montagem.

— O teatro de Fridberg é próximo do texto original. Mas não sei dizer qual é o impacto de "Festa de família" neste país, uma vez que ele já roda pelos palcos há alguns anos. Falar dele é como falar sobre um filme muito bem-sucedido que passa o tempo todo se- sendo pelo mundo — diz Vinterberg, que fi- zesse a adaptação de um cli cli na centralidade de conversação dos cli entre ele e sua gar- çoneta, Helga, vivido por (Sondlevsky).

No CCBB, até 2 de agosto, Váney Costa vi- ve Helga. Gostaria, além do diretor, inter- pretar Christian, filho que desagrada um bom- quanto paiado por seu pai de garçonzinho.

— Não queremos misturar "Festa de famí- lia". Ele não é nosso modelo, é uma referên- cia para uma pergunta sobre realidade. Pes- quisas que são realizadas pelo Dogma 95 de- mostram causas documentais — diz Gostava- lly. — Como o teatro era se já tem a associação para a simplicidade, o Dogma é uma ex- pressão do parente dele, não se compreende porque ocorre esse tipo a criação dele.

■ O GLOBO NA INTERNET
BOLÍ: Ver o filme de Vinterberg
apenas em inglês.

Entre raposas que falam e tesouras afiadas

• Conhecidos e colegas de Lars Triier, Vinterberg foi o primeiro a sair em defesa do diretor de "De afores" (1996, que, com "Anticristo", detona Casuso em polêmica com angústias de seus seguidores, até raposa latente e a ce- sua son que Charlotte Gainsbourg corta o pró- prio cabelo a vontade. Vinterberg, que Triier trouxe a elegância para autoindulgência ao mag- so ao desporto de Casuso, com a frase "Sou o melhor diretor do mundo". O prêmio do ano- bre atrai para Charlotte, que contraria com Willem Daloo, só fez agravar a condição de li-

responsabilidade de "Anticristo", modado em- virados, com a cartilha do Dogma. — Como analis a reação a "Anticristo" há- bito? O filme foi debatido em todos os la- geres. A isso, ver, isso foi dele me outro — diz Vinterberg, a qual lançou dos signifi- cados do Dogma 95 depois de "Voz Triier". No fim dos anos 1990, os dois celebraram uma estrutura de produção baseada em um "vídeo de casidade" como suas produções. São elas: a) As filmagens devem usar somente locação, nunca cenário, sem permissão para material cinematográfico; b) O ator nunca pode ser produzido fora de imagem. Nunca só é usado se não parte da cena filmada; c) A câ- mara deve ser usada no chão, sem apoio; d) O filme é colorido. Porém, se há respeito; e) Tri- que os diálogos e letras são produzidos; f) O filme não pode conter ação artificial, com obje- tos de fora da tela; g) Abstração temporal e geográfica está proibida; h) Filmes de gênero não são permitidos; i) O formato do filme de- ver ser o original, de 35mm; j) O diretor não

deve levar crédito. A vontade de Voz Triier prova que vocês queriam trabalhar. — Eu não posso falar pelo cinema como um todo, mas acredito que muitos países se inspiraram em "Festa de família" nos anos 1990. Particularmente, essa inspiração que o filme gerou foi uma influência a suas produções. Muita confusão e distração nos cercaram nos trabalhos meus que se seguiram. É estranho — diz Vinterberg, que, aos 25 anos, assinou o manifesto do Dogma 95 como uma reação dos valores burgueses da arte de filmar. Além dele e de Voz Triier, outros diretores do coletivo do Dogma 95 alongaram rotunde- dade, como Kristian Levring ("O rei está vi- vo"); Søren Krægh-Jacobsen ("Mimosa"); Jes- sus Barr ("Lovers"), mais lembrado como ator; Lone Scherfig ("Tudo para participá- los"); e Susanne Bier ("Casos de amor"), que hoje filma com EIA. Após nos anos 1990, o cinema americano investiu no modelo Dog- ma com "Jules Dantley Boy" (1995), de Har- enny Koster. O Brasil também atraiu aten-



CHARLOTTE GAINSBORG estreia "Submarino", que foi recebido crítico e massa em Cannes, em maio



LARS VON TRIER (à esquerda) e Vinterberg estão entre os idealizadores do movimento, reunidos em

Cover of O Globo's Culture Section, with the article that stand the assembly of "Festa de Família" (The Celebration) in Brazil as a remnant of Dogma 95. The central photo shows the cast of the play, of which Peter Boos (foreground) took part.



Article of CARAS about the première of the play “Joaquim e as Estrelas” (Joaquim and the Stars), which Peter did as actor.

In the first page, from left: Peter Boos, Carolina Godinho, Gisela de Castro, João Velho, Elisa Pinheiro, Morena Cattoni and Marcio Freitas.

In the second page the recognized Brazilian artist Cissa Guimarães, that went to watch João Velho (her son and protagonist in the play) one week after the fatal trampling of her other son, Rafael Mascarenhas.

DIVERSÃO

Fernando Pessoa no Café Pequeno

O escritor Fernando Pessoa classificou “O banqueiro anarquista” como um “conto de raciocínio”. Publicado em 1922, ele foi adaptado para os palcos. O espetáculo, que estreia amanhã no Teatro Café Pequeno (2294-4480), mostra um diálogo de botequim entre um personagem anônimo e um ex-operário, que se tornou um banqueiro. Os ingressos custam R\$ 40, e as apresentações acontecem de sexta a domingo, sempre as 20h30m, até o dia 19.

DIVULGAÇÃO/DANIELLA CAVALCANTI



Note of O Globo about the première of the play “O Banqueiro Anarquista” (The Anarchist Banker). In the photo, the three actors in the play, from the left: José Karini, Rafael Mannheimer and Peter Boos.

TEATRO



Labirinto, encenado de Moacir Chaves, conta a dramaturgia de Qorpo Santo

'QORPO SANTO É MAIS ATUAL DO QUE NÓS'

ANDRÉ SALVEMINI | **CRÍTICA** | **TEATRO** | **ARTES** | **COMUNICAÇÃO** O interesse do diretor Moacir Chaves pela dramaturgia de José Joaquim de Campos Leão, autor do século 19 (1829-1883) nascido em Triunfo (Porto Alegre) que ficou conhecido como Qorpo Santo, data dos tempos de estudante. "Nunca me conformei com o fato de Martins Pena ser considerado o primeiro autor brasileiro", diz Chaves, referindo-se ao pai da comédia de costumes. Seu vínculo com Qorpo Santo está, agora, evidenciado na encenação de Labirinto, que ocupa a arena do Sesc Copacabana.



No espetáculo, Chaves reúne três textos do autor: As relações naturais – centrado em personagens cafetados pelos próprios pais –, Hoje sou um e amanhã outro – sobre o anseio de fazer o bem na esfera da governança pública – e A separação de dois esposos – que descreve a relação de um casal que se mantém sob o mesmo teto para cumprir papéis sociais. "Ele conseguiu trazer à tona uma subjetividade perdida numa época em que não era possível qualquer expressão de sinceridade. As relações estavam fundadas na mentira, na hipocrisia", destaca.

Chaves sublinha a atualidade da obra do autor: encenado com pouca frequência. "Na verdade, ele é mais atual do que todos nós. É livre em seu pensamento, na expressão do desejo homossexual e por outras mulheres. Claro que o mundo não é mais caçeta do que no século 19, mas ainda há homofobia e violência contra as mulheres, exploradas sexual e financeiramente", ressalta.

Em Labirinto, o diretor valoriza mais o modo como se conta a história do que a história em si. Não se contenta em

transmitir um determinado conteúdo ao espectador. Por isso, fragmenta a narração do texto entre os vários atores, ao invés de encenar as histórias a partir de uma perspectiva mais convencional. "Valorizo uma voz difusa. Um recurso que sugere a impossibilidade da integridade, como valor humano e como ideal de completude", explica Chaves, que aposta na conexão da plateia. "Invisto num teatro que chama pela participação ativa do público, sem que isto signifi-


que **criar um novo objeto**. Se as histórias se passam no século 19, os figurinos e as músicas remetem à década de 60 do século 20. "Nessa época, Qorpo Santo foi redescoberto. Um momento de valorização da subjetividade, de possibilidade de ser outro num tecido social tão estreito", justifica. Com Labirinto, Chaves também funda uma companhia, a Alfândega 88, composta por atores com quem vem trabalhando ao longo dos anos: Kátiuscia Canoro, Elisa Pinheiro, Diego Molina, Peter Boos, Adriana Seiffert, Andy Gercker, Danielle Martins de Farias, Denise Pimenta, Fernando Lopes Lima, Gabriel Dellino, Gabriel Goessli, Mariana Guimarães e Pamela Cêco.

"Meu desejo de trabalhar em companhia é permanente. Do contrário, seremos sempre amadores. O pensamento tem que ser treinado, exercitado", assinala Chaves, que já esteve à frente da Pésima Cia. de Teatro, responsável por

"If the stories take place in the 19th Century, the costumes and songs refer to decade of 60's, in the 20th Century. 'This time Qorpo Santo was discovered. A moment of appreciation of subjectivity, of possibility of being another in so narrow social fabric', justifies. With Labirinto, Chaves also founds a company, Alfândega 88, composed of actors with who he has been working over the years: Kátiuscia Canoro, Elisa Pinheiro, Diego Molina, Peter Boos (...)."

Article of Jornal do Commercio about the play "Labirinto", directed by Moacir Chaves with texts of Qorpo Santo. Rio de Janeiro, 2011.


REVIEWS TO PETER BOOS'S WORKS
and quotes with free translations from Portuguese to English


CRÍTICA TEATRAL
RIO DE JANEIRO / RJ
POR RODRIGO MONTEIRO

segunda-feira, 29 de julho de 2013

Os sapos (RJ)

Um ótimo espetáculo sobre as prisões nossas de cada dia



Para Boos e Paula Sandroni, apesar de terem participações um pouco menores, têm grandes momentos de interpretação, com sutilezas em meio ao caos, com intenções bem colocadas, pausas inteligentes e com gestos sutis. Verdade! Bem por essas pequenas atuações, pensando nas participações com a crítica que sua personagem vê e a realidade que o texto tem como resultado de direção de Renata Mazzi e de Priscila Vides com

FICHA TÉCNICA
Texto e concepção: Renata Mazzi
Direção: Priscila Vides e Renata Mazzi
Enfoque: Gisela de Castro, Paula Sandroni, Peter Boos, Ricardo Gonçalves e Verônica Reis
Elenco: W. Natana Carvalho
Assistência de direção: Juliana Britton
Figurino: Bruno Perfeito
Cenário: Nêli Máximo
Assistência cenográfica: Luana Lima
Iluminação: Renato Macchato
Trilha sonora: Marcelo Alonso Neves
Fotografia: Clara Linhart
Direção de produção: Sônia Raposo Maria Alice Siviero Lima e Nêli de Luccena
Produção Administrativa: Alan Naldo
Realização: Renata Mazzi e Diga Sere Produções

Postado por Rodrigo Monteiro às 08:27

“Peter Boos and Paula Sandroni, despite having smaller participations, have great moments of acting, with subtleties in the chaos, with well-placed intentions, appropriate pauses and subtle gestures.”

MONTEIRO, Rodrigo. Blog Crítica Teatral por Rodrigo Monteiro. “Os Sapos (RJ)”. 2013. <http://teatrroj.blogspot.com.br/2013/07/os-sapos-ri.html>



“On the acting, we can say that Peter Boos (Claudio) faces a perfect metamorphosis between the musician (mediocre?) he represents, and the emergence of the deep and hallucinated tension of the character.”

VICENZA, Ida. Blog Crítica de Teatro. “Os Sapos”. Rio de Janeiro, 2013.

<http://idavicenza.blogspot.com.br/2013/07/os-sapos.html>



“Peter Boos is also one of the great actors of new generation, although already has in his resume great works. Currently, along with other companions, does a great work of occupation and revitalization of Teatro Serrador. His character, Claudio, grows and surprises the viewer in the course of the play. Excellent performance.”

BARTHOLO, Gilberto. Blog O Teatro Me Representa. Critic “Os Sapos – Muito bom engoli-los”. 2013. <http://oteatromerepresenta.blogspot.com.br/2013/08/os-sapos-encerrou-temporada-ontem-no.html>



“and Peter Boos, rapt”


LUIZ, Macksen. Blog Macksen Luiz. Critic “Os Sapos”. Rio de Janeiro, 2013.
http://macksenluz.blogspot.de/2013_07_01_archive.html



“The text is very well supported by the actors: while Peter Boos is the romantic (ironic) that seeks to understand the illogical reasoning of the speaker; the anarchist who is a banker (played with heart and precision by José Karini) seeks to give credibility to a path that will flow into the absolute selfishness.”

VICENZIA, Ida. Blog Crítica Teatral. Critic “O Banqueiro Anarquista” (The Anarchist Banker). Rio de Janeiro, 2013. <http://idavicenzia.blogspot.com.br/2013/07/o-banqueiro-anarquista.html>

teatorj.blogspot.com.br/2013/07/o-banqueiro-anarquista-rj.html




RIO DE JANEIRO / RJ

POR RODRIGO MONTEIRO

segunda-feira, 1 de julho de 2013

O banqueiro anarquista (RJ)

Por Diego Wilson



José Karini e Peter Boos em espetáculo concebido por Fernando Lopes Lima

Tudo é excelente!

Justamente porque é verdade que não há signos teatrais, mas apenas signos literários. É que podemos dizer que tudo pode ser teatro. A questão está, assim, em quais meios esse tudo pode se tornar teatro. No caso de "O banqueiro anarquista", os meios são de Fernando Lopes Lima, que aqui oferece um excelente trabalho de direção ao espetáculo em cartaz no Teatro Serrador até a próxima quarta-feira. Sem um drama que embalse de forma mais específica os dois personagens que dialogam nesse texto criado a partir do conto

retórico. As excelentes interpretações de José Karini e de Peter Boos garantem o ótimo resultado, que é ainda melhor considerando o grande desafio da equipe. Em al uma peça bem desenvolvida, afinal, pode ser tão boa quanto uma gargalhada.

Em cena, dois homens jantam em algum lugar da primeira metade do século XX, muito provavelmente em Lisboa, em 1922, ano em que o conto foi escrito. A conversa nasce de um paradoxo: um deles, que é banqueiro, afirma ser mais anarquista que os anarquistas que estão, nesse momento, nas ruas protestando contra o sistema. Como um banqueiro, sublimar representando do capitalismo, pode ser um anarquista? E mais ainda o melhor deles? Bem que sabemos seus nomes e nem tenhamos muitas informações a respeito desses personagens, a peça se passa em tempo real, não é, a conversa a que assistimos dura exatamente o tempo da conversa, sem êxtases. Não há trocas de senões ou de figurino, as movimentações de luz e dos atores pelo palco são discretas, a carpintaria é positivamente simples: tudo aponta a atenção do público para a retórica, para o argumento, para o texto. E esse é esplendidamente bem dito, excelente diction, pausas notáveis, intenções claras, entonações variadas, ritmo pulsante. O diálogo é vivo, apesar de longo, difícil, complexo.

No Brasil, nunca se discute tanto política. Com a internet, dos refinados sociólogos às pessoas de formação mais humilde, a porcentagem dos que têm voz, embora pequena, é tão expressiva como nunca dantes o fora. Ao construir um texto em que os meandros argumentativos chegam a valer mais do que seus efeitos, Fernando Pessoa convida a pensar com elegância, refinamento e seriedade. Fernando Lopes Lima, por sua vez, reforça o convite fazendo o teatro agregar ao debate a voz humana que as palavras literárias não têm. O todo é potente, porque dedicada e inteligentemente bem posto é, sem dúvidas, feita declaradamente com a situação atual em que o nosso país vive.

Com excelente ritmo, em que, por vezes, o discurso verbal dá lugar para a pausa e para a reflexão, o espetáculo tem bom uso de cenário (Marcos Saboya), figurino (Kassandra Speth), iluminação (Aurélio de Simoni) e de trilha sonora (Leonardo de Castro), todos esses elementos que levam ao espetáculo de forma positiva porque concentram ao invés de dispersar. A cena final, em que uma crítica direta aparentemente desliza do todo até ali, garante um bom ápice dramático do qual nem mesmo uma boa retórica consegue se afastar. Tudo é excelente!

Ficha Técnica:
 Textos de Fernando Pessoa
 Dramaturgia, Direção e Produção de Fernando Lopes Lima
 Atuação de José Karini, Peter Boos e de Rafael Manesher
 Iluminação de Aurélio de Simoni
 Cenografia do artista plástico Marcos Saboya
 Figurinos de Kassandra Speth
 Direção musical de Leonardo de Castro

Postado por Rodrigo Monteiro às 05:55

Recomendado pelo Google

Marcadores: O banqueiro anarquista (RJ)

Pesquisar este blog

Apresentação
 Análise crítica de espetáculos teatrais nacionais e internacionais.

Arquivo do blog

- 2011 (2)
- 2014 (136)
- 2013 (199)
 - Dezembro (12)
 - Novembro (17)
 - Outubro (17)
 - Setembro (14)
 - Agosto (18)
 - Julho (22)
 - Jun (9)
 - Versinho amargo (RJ)
 - Dele Deste e a Máquina de Coca Cola (RJ)
 - Adágio (RJ)
 - O sapo (RJ)
 - Quêdo cordal (SP)
 - Batidozinho Antônio (RJ)
 - Rain Mac (SP)
 - Como notou pelo (RJ)
 - Um dia qualquer (RJ)
 - Conto de verão (RJ)
 - Substrato (RJ)
 - Novembro (RJ)
 - Acto uno entre nós (RJ)
 - Cartas curvas e um certo celetro (RJ)
 - Narizum (RJ)
 - Um Fausto (RJ)
 - Lima Barreto, se lembra de (RJ)
 - Aquilo que não abar quando pra rock (PE)
 - Casa de Air (RJ)
 - O campo anarquista (RJ)
 - Volta a 6 (RJ)
 - Junho (18)
 - Mai (18)
 - Abril (16)
 - Março (17)
 - Fevereiro (7)
 - Janário (18)
- 2012 (158)
- 2011 (70)

Peças

- "Mama de exatidão" (RJ) (1)
- 12 homens e uma sentença (SP) (1)
- 120 dias de Sodoma (RJ) (1)
- 1988 (RJ) (1)
- 2 x Matei (RJ) (1)
- 228 anos (RJ) (1)
- 5 garotas da casa e 1 sapo molhado (RJ) (1)
- 8 dias Cantagres Progressiva (RJ) (1)
- Jão/Conhecidos (RJ) (1)
- A arte da comédia (RJ) (1)
- A arte e a memória da identidade e seu cheiro para pedir um sumo (RJ) (1)
- Abala na agulha (SP) (1)
- A caixa (RJ) (1)
- A Chorra Line (RJ) (1)
- A crise dos 20 e poucos anos (RJ) (1)
- Adama do mar (RJ) (1)
- A descoberta das Américas (RJ) (1)
- a Deusa Tehuana (RJ) (1)
- A Eneida (SP) (1)
- A Estufa (RJ) (1)
- A Sireia (RJ) (1)
- A família Adams (SP) (1)
- A Sireia (RJ) (1)
- A garrafa deopada (SC) (1)
- A garota do adeus (RJ) (1)
- A lição (RJ) (SP) (1)
- A importância de ser perfeitista (RJ) (1)
- A lua sem da Ária (RJ) (1)
- A mar aberto (RJ) (1)
- A Marca de Água (RJ) (1)
- A redenção naigra dream (EUA) - 21a Parte Negra em Cena (1)
- A Memória Quebrada (RJ) (1)
- Ameixa do cidade (RJ) (1)
- A mulher que escreveu a bíblia (RJ) (1)
- Anagra Felicidade (RJ) (1)
- A operário sobre teatro na internet (1)
- A outra cidade (RJ) (1)

“The excellent performances of José Karini and Peter Boos ensure the optimal result, that is even better considering the great challenge of the team.”

MONTEIRO, Rodrigo. Blog Crítica Teatral por Rodrigo Monteiro. Critic “O Banqueiro Anarquista (RJ)”. Rio de Janeiro, 2013. <http://teatorj.blogspot.com.br/2013/07/o-banqueiro-anarquista-rj.html>



“The play is great, José Karini has a meticulous domain of the words, controlling the irony, the humor, conducting the audience masterfully. Peter Boos and Rafael Manheimer follow him closely with very different registers.”

VASCONCELLOS, Edvard. Blog Estudos de Teatro Brasileiro. “O Banqueiro Anarquista”. Rio de Janeiro, 2013.

<http://estudosdeteatrobrasileiro.blogspot.com.br/2009/09/critica-do-espetaculo-festa-de-familia.html>

Espectáculo sobre Elis Regina é impecável na parte musical e conta bem a história da cantora gaúcha de enorme sucesso que morreu no início de 1982, aos 36 anos

A Pimentinha na Broadway carioca

Teatro

Elis Regina

“Ela, a musical”

de Ricardo Araújo

de Ricardo Araújo

É difícil imaginar um espetáculo com mais potencial público agridido ao público brasileiro do que um musical sobre Elis Regina. Talvez um sobre Titi Mata (que já foi feita, “Vale tudo”, com enorme sucesso). Talvez um sobre Roberto Carlos, quanto sabe. A história da cantora nascida Elis Regina Carvalho Costa em Porto Alegre, na periferia da Vila do IAPI, em 1945, talvez só tenha algum risco por não ter tanto apelo quanto as produções mais novas. A não ser por isso, está tudo lá: música, costumes, romance, tragédia, história (com H múisicuba) de MPB, do Rio, do Brasil.

O musical de Patrícia Araújo e Nelson Motta, que conta a estória de Elis Regina com o diretor teatral, vem do sobre todos esses aspectos, e mais: a performance anabatista de Laila Garin e os elencos em geral, e a parte musical impecável. Se há detalhes no espetáculo, eles estão na parte teatral: o nível técnico, o nível musical.

A peça, com três horas de duração, começa com a jovem Elis, cantora de salão em Porto Alegre que segue para o Rio com a cara, a coragem, o talento e o pai, o desventurado Seu Romeu (Ricardo Vieira). A década de 1960 é a sua primeira: personagens como Micle (Caíke Luna), Ronaldo Bôscoli (Felipe Camargos), o dançarino e emigrante Lorenz Dale (Daviello Torres, pernambuco), mais tarde, Luiz Rodrigues (Jean Sílvia) e o fiavel das Gardafas transportam o público ao tempo. A parte musical, nesse momento, é especialmente brilhante: destacam-se da arquibancada Heberth Souza (guitarra), Matias Carra (contrabaixo) e Nodson Simões (bateria). Destacando um trio de jovens novos-jazz da época, que contribuíam para a composição profeta da claria. Nas primeiras músicas, como “Meyrin das laranjeiras” e “Bêbado”, fica claro que Laila não apenas abrenha o potencial de cantora, mas também aprendeu o método de perfeição a cantar e uma parte musical de baixo.

DESA CORROGAFADAS NÃO FUNCIONAM

Rapidamente, a Pimentinha se arde em um novo cidade, com seu jeito de tudo de ser, apaixonando-se pelo mesmo bebê ainda vivo, interpretado com brilho por Felipe Camargos. Se dá ao luxo de cantar, com um não apenas pênias como “Lado todo”. A história anda bem, com as canções nos lugares certos, mas o time brasileiro tem alguns obstáculos na construção: a cena ao som de “Ald, ald, mermotas”, deslocada, com um solo de bateria, é absolutamente desproporcionada, musical e dramaturgicamente — sem contar que a história ainda está na década de 1960, e a música só foi lançada em 1980. As cenas corrobadas, ainda — que não são muitas —, parecem ser mais do espetáculo, que é mais de um do que o tempo, como Elis.

A década de 1970 ainda é, e ainda tem algumas produções históricas e cronológicas — como a festa com músicos de Elis, o fim da carreira e a morte. Henrique Marinho seguiu o caminho de Elis se despedindo por ela, dois dias de câmera musical e de câmeras, sem muita delicadeza, e de um

lucro passageiro. A geração de “O bêbado e a equilibrista” e os anos de Elis com Henfil foram bem pouco (por Peter Boos, a festa se realizou, com um meio século após sua morte, quando os filhos de Henfil são filhos de Henfil) porque discutiram um dia (música) mas não tentaram de respeito, apenas de amizade um pouco de respeito de mais com o carnaval e o carnaval. Paulo Francis (Caíke Luna, desde um momento) “Mais para o fim da vida de

tudo com precisão, com um possível espírito de espetáculo — que não somente a morte de Elis, em 1982, aos 36 anos.

Tudo é muito bem executado, além de quem muito do (direção musical) e arranjos do de Helio Fischer), por músicos (Matias Carra) e por músicos (Marília Carra) e por músicos (Alan Sílvia). As corrobadas (Alan Sílvia) e a dramaturgia não sempre ajudam a contar a história, mas “Ela, a musical” é um espetáculo completo e emocionante que figura muito bem na tradição recente dos musicals sobre grandes figuras da música brasileira. ★



Arrestadores. Laila Garin vive como Elis

“The recording of ‘O bêbado e a equilibrista’ and Elis making peace with Henfil (that well played by Peter Boos, has portrayed her as an undead after her participation in the Army Olympics during the dictatorship) provide one of the most exciting moments of the show, despite the friendship a little too narrow between the cartoonist and the journalist Paulo Francis (Caíke Luna, ludicrous).”

ARAUJO, Bernardo. *Jornal O Globo*. “A Pimentinha na Broadway Carioca”. Rio de Janeiro, 2013.



“Peter Boos – another pleasant surprise. This is a great actor. I am a great admirer of his work for a long time, but always saw him in very dense texts or "restrained comedies". Did not think he kept a great potential for musical plays. In addition to several male characters, Peter has his solo opportunity in the show, in the role of the unforgettable cartoonist Henfil, who he plays very well. It is touching, the scene of reconciliation between Elis and Henfil.”

BARTHOLO, Gilberto. Blog O Teatro Me Representa. “Elis, A musical - Se Elvis não morreu, muito menos Elis Regina”. Rio de Janeiro, 2013.

<http://oteatromerepresenta.blogspot.com.br/2013/11/elis-musical-se-elvis-nao-morreu-muito.html?m=1>



“As for Felipe Camargo, Claudio Lins, Caíke Luna, Ícaro Silva, Rafael Castro, Ricardo Vieira, Leo Diniz, Peter Boos, Leticia Medella, Guilherme Logullo, Thiago Maranhão, Alessandro Brandão and Danilo Timm (this last one dances so well that, I dare confess, generated on me a healthy envy), which form the main cast, all extract the most of their characters, being also very important to register the participations of Lincoln Tornado, Cacau de Sá, Máira Charken, Lílian Menezes and Leo Wagner.”

FISCHER, Lionel. Blog Lionel Fischer. “Elis, A Musical – Imperdível e Inesquecível Montagem”. Rio de Janeiro, 2013. <http://lionel-fischer.blogspot.com.br/2013/11/teatrocritica-elis-musical.html>

paradatemporal.blogspot.de/2014/01/elis-musical-elenco.html

PARADA TEMPORAL ANO CINCO | Jeff's Blog Stardófe:

Magazine | Inicio | O blog e o blogueiro | Seções Fixas | Seções Temporárias | On Broadway | Teatro no Brasil | Casafino de Luz | Músic Teatral

Elis, a Musical – Elenco



Elis Regina (Pheeristha) foi uma grande cantora brasileira, considerada a maior cantora brasileira, com uma voz belíssima, um talento incontestável, e que saiu do Rio Grande do Sul como uma jovem fugitiva disposta a fazer sucesso – passou pelo Rio de Janeiro, trabalhou como queriam que trabalhasse, conseguiu então fazer as coisas do seu jeito, caso-se, não sabemos se foi feliz. E morreu em 1982, ainda muito jovem (apenas 36 anos), mas deixou um legado muito grande e muito bonito.

Assim segue a história de Elis, a Musical, um espetáculo emocionante que utiliza suas próprias músicas para contar sua história – no elenco temos Lúcia Guimarães interpretando Elis, mas su vi ruina queria à tarde, juntado com Lílian Menezes, sobre quem eu posso comentar. Uma atriz fenomenal! Além de ter uma voz excepcional e nos asspae toda vez em que está cantando, eis consegue transmitir a emoção, e a maior prova disso está no final do musical, ra que eis está de braco, sozeta naquela cadeira, Jogo de Verdade, uma reprodução resumida de sua emocionante última entrevista.

Leito demais.

Para completar o elenco, temos ótimos nomes. Seus maridos são interpretados por Felipe Camargo e Claudio Lins. Felipe Camargo interpretou o catante bilado boss (patavas de Elis) Ronaldo Bincoati – mesmo que sua voz não seja a melhor para músicas (talvez por isso não tenha ganhado tantas músicas), ele se saiu muito bem no resto. Claudio Lins foi o (aparentemente) marido perfeito César Camargo Mariano, do qual Elis se separou um ano antes de morrer. Uma voz belíssima, uma ótima interpretação.

Quem muito me chamou atenção: Danilo Terezi. O foto do Danilo interpretava o Lennie Dore, e que presenciar ótima voz para cantar ótimas interpretações, divertidíssimas – ele cantando *O Palo* foi ótimo, tudo requetado e leveza, depois ajudou Elis com um passo rítmico de dança (na ra no final do primeiro ato enquanto eis estava naquele braço de mastadoral), além de beijá-la e babei na sua bunda. Outro do Broadway. Depois ele continuou prto ao ensemble com os personagens nascidos, sempre um ótimo destaque, paratênter

como Paulo Francis – ENGRAÇADISSÍMO! E Peter Boos, que como Henfil realmente me marcou, suas cenas por ora engraçadas por ora muito ótimas, eram a voz da manifestação, e seus olhos cheios de lágrimas ao ouvir Elis cantar, no fim, foi o que mais me emocionou – junto com o abraço dos dois. O filho do Guilherme Rorive, e Icaro Silva, como Jaz Rodrigues – não foi o destaque que foi em *Rock in Rio*, e *Musical*.

Rafael Castro como Marcos Lúcio, Letícia Medeiros como Dona Drcy, Thiago Mastro como Nelson Meira e Alessandro Brandão como Carlos Imperial. Todos eles, e mais Lizziara Tomaz, Cássia de Sá, Maria Charken e Leo Wagner compõe o magnífico grupo de atores que juntos proporcionam vários dos melhores momentos da peça, agilmente mudando de platéia de rádio a militares e à operários, com coreografias belíssimas e vezes lentas que conferem uma nova cara a todas as músicas nas quais participam. As minhas favoritas, só para deixar registrado.

Então embora o primeiro ato tenha sido cansativo e arrastado, e eu achei que o final tenha parecido em não trazer a história até o fim, com a morte chocante de arfeta aos 36 anos, por overdose e bebida, o musical funciona bem. Com um ótimo elenco, ótimas músicas e uma grande produção, *Elis, a Musical* é garantia de divão e de emoção – um final belíssimo com uma de suas músicas mais conhecidas e elementos que marcaram toda a sua trajetória. Não é o melhor musical do ano, nem dos últimos tempos com a qualidade teatral que o Brasil apresenta, assim se você já tiver visto *Catuzza: Elis deve*, infelizmente, ser uma segunda opção. Em cartaz no Teatro Oi Casa Grande, Rio de Janeiro.

Curta nessa Página no Facebook: [Parada Temporal](#)

Postado há 29th January 2014 por Jefferson
 Marcadores: Elis a Musical, Elis Regina, musical, p Teatro no Brasil, Teatro no Brasil


“And Peter Boos, that as Henfil, really affected me; his scenes sometimes funny and sometimes very serious, were the voice of manifestation, and his eyes full of tears while hearing Elis to sing, at the end, was what moved me more – along with the hug of the two.”

JEFFERSON. Blog Parada Temporal. “Elis, A Musical – Elenco”. São Paulo, 2014.
<http://paradatemporal.blogspot.de/2014/01/elis-musical-elenco.html>

https://danielschenker.wordpress.com/2013/12/12/a-marca-da-competencia/

Daniel Schenker

A marca da competência



Laila Garlin como Eli: construção minuciosa (Foto: Felipe Parfili)

Eli segue à risca determinadas vertentes detectadas em alguns musicais biográficos: uma dramaturgia tradicional, que presume a trajetória do artista de acordo com a linha cronológica; uma atuação marcante, que busca mais incorporar o espírito do que copiar a personagem real; e um modelo grandioso de produção, apesar de sem tempo ajustado.

O texto de Nelson Matta e Patrícia Andrade maj. à tona a jornada de Eli Regina sem amarras de inevitabilidade. Os autores cobrem o arco de seu percurso, atrela em Porto Alegre ao lado dos pais, a vinda para o Rio de Janeiro, os vínculos promissores travados no berço das Garlins, o elo passionai com Ronaldo Bóccoli e o incômodamente estável com César Camargo Mariano. O contato com figuras como Jai Rodrigues, Henfil e Paulo Francis é fluído. Eli desponta como uma cantora dotada de inenunciável nervosa. Inscrição em formato convencional, a dramaturgia é ocasionalmente previuível, a exemplo da passagem sobre a crise no casamento com César Camargo Mariano.

A encenação em cartaz no teatro Oi Casa Grande não esboça seu caráter espetacular. O diretor Daniel Carvalho equilibra a vibração do musical com cenas mais intimistas. Extra: ótimo rendimento do conjunto (as coreografias de Aloísio Barros são pontos fortes da montagem), com exceção talvez de uma evocação um pouco artificial da juventude hippie. É dá boa possibilidade interpretativa para a atriz Laila Garlin – especialmente no segundo ato –, que tem seu principal momento na parte de entrevista, quando evidencia sua minuciosa construção de Eli.

Em relação aos demais atores, Felipe Camargo e Claudio (os contem com maiores oportunidades como os maridos de Eli, enquanto que o resto do elenco sobressai em instantes isolados, Ilara Silva compreve o ritmo e a maleabilidade corporal, perceptíveis em trabalhos anteriores). Daniel Timm se mostra à vontade como Lázaro Gal. Peter Boos confere autoridade a Henfil. Cássia Lima e Maria Charben evocam Paulo Francis. As concepções que visam a uma comicidade de resultado imediato junto ao público.

A despojada coreografia (direção de arte) de Marcos Falierman propõe a recriação de ambientes com objetos simples (cadeiras, mesas) por meio de superfícies deslizantes e deixa espaço para os atores evoluírem em cena. O texto é utilizado de modo apenas ilustrativo. Os figurinos de Marília Carneiro reproduzem com bastante precisão as tendências das décadas nas quais viveu Eli. A iluminação de Marcos Quindere desliza cor sobre o palco no segundo ato. Também vale destacar a direção musical e os arranjos de Debra Fischer. Mesmo sem orientar por uma abordagem mais atoral, Eli, a Musical se impõe como espetáculo bem orquestrado que concilia domínio técnico e contagiante emoção.

“Peter Boos gives authority to Henfil.”

SCHENCKER, Daniel. Blog Daniel Schenker. “A Marca da Competência”. Rio de Janeiro, 2013. <https://danielschenker.wordpress.com/2013/12/12/a-marca-da-competencia/>

← → ↻ macksenluiz.blogspot.com.br/2013/11/39-semana-da-temporada-2013.html?m=1

Macksen Luiz

Críticas, opinião, notícias e indicações teatrais.

segunda-feira, 25 de novembro de 2013

39ª Semana da Temporada 2013

Estilos de Musicais

Crítica/ Elis, A Musical



Elegia ao talento com ótima trilha sonora

Evocativo. Nelson Motta e Patricia Andrade que escreveram o musical-tributo a Elis Regina, em cartaz no Oi Casa Grande, seguem cronologicamente a carreira da cantora sem cair na armadilha de superdimensionar dramaticamente a personagem para valorizá-la como narrativa teatral. A vida se molda pela carreira, e a ambientação pelo tempo em que Elis consolidou a sua trajetória na música brasileira. Os autores, sem quaisquer paralelismos fáceis, contrapõem início e bossa nova, cerco político e decisões artísticas, sucesso e contradições existenciais, estruturando um musical que intercala história e canções com equilibrada dosagem. Se o primeiro ato pode, eventualmente, ser considerado um tanto carregado de informações, o segundo, compacto, enxuto, emocional, compensa possíveis derramamentos iniciais. *Elis, A Musical* é mais evocativo do que biográfico, mais elegia do que homenagem, e que tem ainda a seu favor repertório de alto nível, registro de momento privilegiado da MPB. O diretor Denis Carvalho acondicionou com sensibilidade de espetáculo o material dramaturgico, ajustando o formato ao significado de exibição, show e efeito, tirando partido da fórmula naquilo que melhor oferece para ser explorado. As cenas em que se utiliza o palco elevado (a dos soldados e a que rememora shows) e as coreografias com os manequins e no salão de beleza guardam referências de outras montagens, o que somente contribui para solidificar a assinatura de Carvalho na sua estreia na direção teatral. A estética discreta do cenário de Marcos Flaksman e o figurino impecável de Marília Carneiro são apoiados pela iluminação de Maneco Quinderé. A luz de Quinderé alcança em duas cenas a perfeita interpretação do que as imagens pretendem simbolizar: na abertura, com Elis de costas para a plateia, e no final, no monólogo da entrevista. O conjunto de músicos e a direção musical de Délia Fischer são outros pontos de destaque. **Laira Galin está bem distante da ideia de incorporar Elis Regina. A atriz interpreta com vigor e técnica vocal uma cantora com grife histórica, revivendo timbre e temperamento sem recorrer a atuação fotográfica. Felipe Camargo é um Ronaldo Bôscoli na medida e Claudio Lins um Cesar Camargo Mariano com extensão de voz. Ícaro Silva (Jair Rodrigues), Danilo Timm (Lennie Dale), Leo Diniz (Tom Jobim), Caike Luna (Luiz Carlos Miele), Rafael de Castro (Marcos Lázaro), Peter Boos (Henfil) e o coro completam, harmoniosamente, o ensemble deste agradável musical.**



“Ícaro Silva (Jair Rodrigues), Danilo Timm (Lennie Dale), Leo Diniz (Tom Jobim), Caike Luna (Luiz Carlos Miele), Rafael de Castro (Marcos Lázaro), Peter Boos (Henfil) and choir complete, harmoniously, the ensemble of this pleasurable musical play.”

LUIZ, Mackson. Blog Macksen Luiz. “Elis, A Musical”. Rio de Janeiro, 2013.
<http://macksenluiz.blogspot.com.br/2013/11/39-semana-da-temporada-2013.html?m=1>

teatorj.blogspot.com.br/2013/12/elis-musical-rj.html?m=1



RIO DE JANEIRO / RJ

POR RODRIGO MONTEIRO

sábado, 14 de dezembro de 2013

Elis, a musical (RJ)

Foto: divulgação



Laila Garin é "Elis"

Toda a responsabilidade e o mérito de Laila Garin

Duas coisas precisam ser ditas sobre "Elis, a musical". A primeira delas é que Laila Garin é mais do que excelente nessa produção. A segunda é que, apesar das boas participações de Ícaro Silva, de Peter Boos e de Claudio Lins, e da fluida narrativa de Nelson Motta e de Patrícia Andrade, pouco além da potência de Garin segura a atenção do público que tem lotado o Teatro Oi Casa Grande, no Leblon. O primeiro trabalho de Dennis Carvalho, que surge como diretor teatral, apresenta um conhecimento muito maior que

rudimentar sobre linguagem teatral nessa encenação. Dentro da direção de arte de Marcos Flaksman, os figurinos são apenas ilustrativos e o cenário é composto de andaimes, perdendo a oportunidade de dizer muito mais em termos de conteúdo e de beleza. O único bom momento na coreografia de Alonso Barros é em "Falso Brilhante". Delia Fischer assina a direção musical com pouquíssimos detalhes e consegue bom resultado, o que não chega a ser um valor. Em suma, ao sair do teatro, a impressão que se tem é que um show de Laila Garin faria exatamente o mesmo sucesso com bem menos pretensões.

A maior marca do mérito de Garin está em evidenciar que o relevante de Elis Regina não são seus agudos, mas seus graves. São neles que a "Pimentinha" deixava escorregar suas emoções; sua presença nas palavras dos compositores das canções que ela interpretava. São os tons graves que mudaram ao longo de sua carreira desde os primeiros discos em Porto Alegre até o final. E, porque opera com força, grande resistência e muita intensidade nesse nível, a interpretação da maior cantora brasileira atinge um grau de profundidade que, até então, ninguém tinha alcançado. O movimento com os braços, o sorriso aberto, a mania enfrentativa de sentar sobre os pés em público, traços superficiais de sua personalidade, também estão presentes, mas aqui são apenas acessórios. No palco de "Elis, a musical", está visto que a forma intensa como Elis se entregava às canções dos outros era justamente o que lhe dava a realza: humildemente, ela emprestava o seu talento e a sua emoção a diversos compositores brasileiros novos e desconhecidos. E, nesse empréstimo, igualava-se aos demais artistas, acabando-se por ficar ainda maior que todos juntos. Essa nuance específica, minuciosa, sutilíssima para sobre o trabalho de Laila Garin pela frequência com que os ombros aparecem largamente abertos, como o abrir da boca também significa fechar os olhos, como as palmas das mãos ficam abertas em direção à frente, ao público, e não de frente a outra, isso para citar apenas três exemplos. Sem talvez notar esses traços tão pequenos, o público se emociona mesmo assim diante de uma estrutura interpretativa que é positivamente invisível, dada a concepção realista do espetáculo. Isso, claro, para não desenvolver o óbvio: a perfeita afinação, a voz sonora, o ritmo excelente de respiração, a disponibilidade cênica, o carisma, tudo isso já visto em sua participação no musical "Gonzagão – A lenda" no ano passado. Sem dúvidas, "Elis Regina" será o personagem definitivo da carreira de Laila Garin e "Laila Garin" será a intérprete definitiva da nossa principal cantora.

Todos os demais elementos, infelizmente, são ou superficiais ou ruins. São notáveis a presença cênica de Ícaro Silva na interpretação de Jair Rodrigues, os silêncios solenes na apresentação de César Camargo Mariano por Claudio Lins e é boa a dramaturgia de Nelson Motta e de Patrícia Andrade, que conta a história em ritmo de episódios, mas sem deixar de sugerir espaço para a complexidade. Se essa complexidade, no entanto, não chega visível ao público, a responsabilidade é da direção que não fez bom teatro a partir do texto literário (dramaturgia é literatural). Dennis Carvalho exhibe escolhas pobres, preguiçosas em um uso da linguagem teatral que é bastante infimo. De um modo geral, o espetáculo perde a oportunidade de dizer algo além do dizível em um mem documental, pois tudo parece estar voltado à imitação do real, do como as coisas "realmente" aconteceram, o que é bastante humilhante para a arte, desde Hegel. Há a imitação de Miele, de Lenny Dale, de Dona Ércy e de Seu Romeu, de Ronaldo Bôscoli, de Paulo Francis e de outros em uma expressão do qual valorosa a simples aparência parece ser para o diretor infelizmente. Porque chega nas aparências ao invés de partir delas, "Elis, a musical" é uma grande e cara "casca" de teatro que deixa a desejar aqueles que se compadecem da responsabilidade de Laila Garin, que é a de sustentar quase sozinha a justificativa da presença dessa produção entre as melhores do ano. Há, no entanto, dois pequenos momentos de exceção que precisam ser valorizados. Em um deles, Elis (Garin) surge para cantar diante de uma multidão. Denis Carvalho, aí, foge do óbvio e coloca a intérprete de costas para o público, oferecendo ao público o raríssimo ponto de vista da coxa, até que, "dado o recado", Elis se vira e então termina o número. Em outra cena, Elis e o cartunista Henfil (Peter Boos) se encontram e, pela forma como a narrativa se conta, sabemos que "O bêbado e o equilibrista" está prestes a aparecer no repertório. No entanto, na marcação, Elis sai de cena, vai embora, surpreendendo o público. A sua volta, o seu retorno, momentos depois, surge com muito mais força, essa que não teria se não tivesse havido essa quebra. É de "jogos" assim que a direção de Carvalho não dispôs a contento infelizmente ao longo da encenação.

Em "Elis, a musical", falta espetacularidade, grandiosidade, pujança que apenas Garin e o pomposo palco do Oi Casa Grande não conseguem sozinhos dar, embora se esforcem para. Os painéis de janelas que descem e os sofás vermelhos que entram pelas laterais para compor o apartamento de Ronaldo Bôscoli são pouco para o esperado em mais uma grande produção da Aventura Entretenimento. Os andaimes são uma solução pobre, feia, muda para emoldurar a história de uma artista. Ainda dentro do trabalho de Marcos Flaksman, os figurinos (Marília Carneiro) parecem ter sido apenas recolhidos e não de fato concebidos, com exceção do vestido que Elis usa para cantar "Vou deitar e rolar". Com exceção da poética coreografia de "Falso Brilhante", também não há grandiosidade nas coreografias de Alonso Barros, cujo interesse parece mais apenas ter sido o de preencher o palco vazio pelos "buracos" cênicos abertos pela direção de Dennis Carvalho. A decisão de encerrar o espetáculo com personagens que estiveram presentes ao longo da história contada é colegial, no sentido negativo do termo. O repertório, que é bem escolhido, faz positivamente o óbvio, isto é, apresenta as canções tais quais elas foram gravadas por Elis, sem causar entraves. Pela ausência de desafios nisso, não, no entanto, há destaque na direção musical de Delia Fischer.

"Elis, a musical" não pode usar como desculpa para a ausência de grandiosidade nem o caráter biográfico e nem tampouco a falta de verbos. Infelizmente, é apenas de Laila Garin o grande mérito pela grande homenagem que ela faz.



“The second is that, despite the good participations of Ícaro Silva, Peter Boos and Claudio Lins, and of the flowing narrative of Nelson Motta and Patrícia Andrade, few beyond Garin’s (Laila Garin) power hold the attention of the public that has filled Oi Casa Grande Theater, in Leblon.”

MONTEIRO, Rodrigo. Blog Crítica Teatral por Rodrigo Monteiro. “Toda a responsabilidade e o mérito de Laila Garin”. Rio de Janeiro, 2013.

<http://teatorj.blogspot.com.br/2013/12/elis-musical-rj.html?m=1>

TeatroJornal

CRÍTICA

por César Galvão, 04/07/14



Elis mimetizada em tempo e voz

Em janeiro de 1961, a atriz cariense de sua idade não parecia ter medo. Ela chegou a interpretar ao vivo — por um instante na TV Cultura (Experimento Teatral) o que seria de chamar “O Bêbado e o Equilibrista”. Ela chegou ao tempo certo, dentro do clima certo do culto novo, moderno e culto com sua idade em costume dramático, para lá e para cá. E mesmo assim demonstrou ser simplesmente jovem e bela. Foi só que a gente faz parte de um grande teatro. Cada um tem o seu momento e cada um tem o seu espaço. Quando a gente chega ao teatro, não quer ficar ali esperando, quer que tudo seja pensado e planejado. Então, no mundo em que vivemos, não há mais o que esperar. É preciso pensar em tudo, em cada detalhe, em cada palavra.

Em teatro de sua, intenção e gesto (intencional), mas a intenção de interpretar o teatro não é a mesma de fazer um filme. Quando se atua no teatro, não se trata de interpretar a vida, mas de interpretar a vida para o espectador. Quando se atua no teatro, não se trata de interpretar a vida, mas de interpretar a vida para o espectador. Quando se atua no teatro, não se trata de interpretar a vida, mas de interpretar a vida para o espectador.

Em sua primeira atuação como atriz, em 1961, Elis Regina interpretou ao vivo no teatro o papel de Helena em “O Bêbado e o Equilibrista”. Ela chegou ao tempo certo, dentro do clima certo do culto novo, moderno e culto com sua idade em costume dramático, para lá e para cá. E mesmo assim demonstrou ser simplesmente jovem e bela. Foi só que a gente faz parte de um grande teatro. Cada um tem o seu momento e cada um tem o seu espaço. Quando a gente chega ao teatro, não quer ficar ali esperando, quer que tudo seja pensado e planejado. Então, no mundo em que vivemos, não há mais o que esperar. É preciso pensar em tudo, em cada detalhe, em cada palavra.



Em 1961, Elis Regina interpretou ao vivo no teatro o papel de Helena em “O Bêbado e o Equilibrista”. Ela chegou ao tempo certo, dentro do clima certo do culto novo, moderno e culto com sua idade em costume dramático, para lá e para cá. E mesmo assim demonstrou ser simplesmente jovem e bela. Foi só que a gente faz parte de um grande teatro. Cada um tem o seu momento e cada um tem o seu espaço. Quando a gente chega ao teatro, não quer ficar ali esperando, quer que tudo seja pensado e planejado. Então, no mundo em que vivemos, não há mais o que esperar. É preciso pensar em tudo, em cada detalhe, em cada palavra.

Elis Regina chegou ao tempo certo, dentro do clima certo do culto novo, moderno e culto com sua idade em costume dramático, para lá e para cá. E mesmo assim demonstrou ser simplesmente jovem e bela. Foi só que a gente faz parte de um grande teatro. Cada um tem o seu momento e cada um tem o seu espaço. Quando a gente chega ao teatro, não quer ficar ali esperando, quer que tudo seja pensado e planejado. Então, no mundo em que vivemos, não há mais o que esperar. É preciso pensar em tudo, em cada detalhe, em cada palavra.

“Another high point is the meeting of Elis with Henfil (Peter Boos) in a bar, when they trim the edges of which side they are in the country under dictatorship. He used the cartoon to bury her in a cemetery for singing in an Army event. She replies with “O bêbado e a equilibrista” (The Drunk and the Juggling) by Aldir Blanc and João Bosco. She intones the song that speaks of the back of his brother from exile, Betinho. Both finally reattach with a brotherly hug. The direction does not hesitate to leave Garin with her back to the audience during almost all the scene, in which ethics and friendship are put to test, lowering the spectacular tone without affecting the dramatic line, unlike. It is a musical dosing silences.

SANTOS, Valmir. Blog Teatro Jornal. “Elis mimetizada em tempo e voz”. São Paulo, 2014. <http://teatrojornal.com.br/2014/04/elis-mimetizada-em-tempo-e-voz/>

teatroj.blogspot.com.br/2012/11/a-negra-felicidade-(j.html)

CRÍTICA TEATRAL


RIO DE JANEIRO / RJ

POR RODRIGO MONTEIRO

quarta-feira, 21 de novembro de 2012

A negra Felicidade (RJ)

sem avaliação



A forma cênica da complexidade: um excelente programa

"A negra Felicidade" é um excelente espetáculo por vários motivos. Primeiro, porque os temas da escravidão no Brasil (o último país do mundo a libertar oficialmente seus escravos) e do racismo são tratados pelo texto de forma extremamente singela, mas sem banalização. Os temas são tratados de forma discursiva, de jeito que uma faz sentido em relação à falta sem objetividade, mas com poesia. Também, porque a direção de Márcio Chaves é corajosa em acreditar em um texto tão duro, tão árduo, tão sério, mantendo, em quase todos os momentos, a representação discreta e sem alardear. E, por fim, mas não menos, pela excelente integração que o elenco oferece ao público: palavras bem ditas, ações precisas, direção exata e pontos robôs. Trata-se de um trabalho sério de assent, mas compreensivo, porque fugindo das lugares comuns, ele investe em vigor em uma proposta cheia de mérito.

Em 1979, o escravo Felicidade protocolou um processo na justiça no Rio de Janeiro contra o seu senhor, Antônio Veloso da Costa, afirmando que fosse reconhecida a sua liberdade. Uma das quatro bases da dramaturgia do espetáculo "A negra Felicidade" são os atos desse processo jurídico: atos, protocolos, extratos de depósito e de saque, interrogatórios, encaminhamentos, relatórios. Falado no momento da época e dito em sua complexidade, o espectador vai descobrindo os acontecimentos do texto na medida em que vai descobrindo o patrimônio atual do direito e integrando os fatos. Reconhecer o que realmente houve entre a história e seu dono é complicado, mas é valioso a opção de dramatizar em trazer para o palco os atos jurídicos em sua integridade. Além de uma bela homenagem à língua portuguesa, o gesto revela as relações mais vibrantes, a possibilidade de um ser humano sobre outro ser humano, o gesto da compra, da venda, do impedições e do pagamento em dinheiro e em trabalhos forçados, a lógica e os valores da época que, diferentes dos de hoje, mostram contradições e vilarias em lugares, táctis, objetos, hierarquias na narrativa jurídica, e belíssima "Sermão de Santo Antônio aos Peixes", do Padre Antônio Vieira, uma das peças da literatura barroca, um trecho de "O Jurem das Cartelas", de Ariosto Tóthakoff, e excertos do jornal do Comércio do Rio de Janeiro do ano de 1879 que tratam da busca de escravos fugitivos, de suas características e de recompensas para quem achá-los. Sem verdades absolutas, porque o assunto é indelével. "A negra Felicidade" não duvida da etimologia dos seus espectadores, mas resulta o seu lado humano em atender o seu chamado: é preciso, como diz o dramaturgo russo citado, purgar o passado.

Com positivos destaques para Andy Gerker, Fernando Lopes de Lima, Peter Boos, Adriana Seiffert e Edson Cardoso, o elenco, composto também por Daniele Martins de Farias, Diego Molina, Inês Salgado e Renato Guada, apresenta momentos, talvez o mais Renato Guada e Rita Fischer, tem apenas nessa última o seu momento regular. Em uma determinada cena, Fischer parece querer se soltar do texto, "entabulando" com uma interpretação teatral, o que felizmente não lhe acontece sempre e, ainda bem, tampouco em outras situações do elenco.

O cenário de Fernando Melo da Costa perde a oportunidade de ser melhor. Composto por vários objetos empilhados, seu lado positivo é auxiliar a complexidade das relações e dos temas, além da profundidade dessas marcas tão antigas, mas ainda tão presentes. O lado negativo é simplesmente ilustrar, isso a iluminação de Aurélio de Jesus, a direção musical de Téo Taborada e os figurinos de Inês Salgado.

Nesta semana em que se comemora o Dia da Condição Negra, sem dúvida, "A negra Felicidade" foi uma das melhores programações. Em outras oportunidades, não menos a ser.

Ficha Técnica:

Direção: Márcio Chaves
Dramaturgia: Márcio Chaves

Elenco: Andy Gerker, Adriana Seiffert, Daniele Martins de Farias, Diego Molina, Edson Cardoso, Inês Salgado, Fernando Lopes Lima, Leonardo Heckel, Mariana Guimarães, Renato Guada, Peter Boos, Renato Guada e Rita Fischer.

Cenário: Fernando Melo da Costa
Figurinos: Inês Salgado
Iluminação: Aurélio de Jesus
Direção Musical: Téo Taborada
Produção: Mariana Guimarães, Inês Salgado, Diego Molina e Daniele Martins de Farias
Assistência de Produção: Denise Pimenta
Contrapropaganda: Elmar da Rocha e Isaque Fernandes
Patrocínio: Secretarias de Cultura e Governo Federal
Realização: Afiliada do Cd. de Teatro
Um projeto: Urbana Produções

Postado por Rodrigo Monteiro às 13:35

Recomendação de Rodrigo Monteiro: A negra Felicidade (RJ)

Buscar este blog

Apresentação

Artigo de blog

Arquivo do blog

Peças

O autor

Minha lista de blogs

“With positive highlights for Andy Gerker, Fernando Lopes Lima, Peter Boos, Adriana Seiffert and Edson Cardoso (...)”

MONTEIRO, Rodrigo. Blog Crítica Teatral por Rodrigo Monteiro. “A negra Felicidade”. Rio de Janeiro, 2012. <http://teatroj.blogspot.com.br/2012/11/a-negra-felicidade-ri.html>

macksenluiz.blogspot.com.br/2012/05/18-semana-da-temporada-2012.html

Macksen Luiz


Críticas, opiniões, notícias e indicações teatrais

Sexta-feira, 18 de maio de 2012

18ª Semana da Temporada 2012

Negros no Centro da Cena

Crítica/ Negra Felicidade



Ele volta para documentar o passado, traçado o olhar no presente.

Miguel Chaves, diretor de *Negra Felicidade*, em cartaz no Teatro Serravallo, constrói provocante dramaturgia cênica para levar ao palco documento histórico do século 19, tornando-o material dramático capaz de se sustentar como narrativa. Não é fácil, muito menos simples, fazer esse transporte da fidelidade jurídica de um processo, traduzido em terminologia jurídica e com a distância de quase dois séculos, para a linguagem teatral que a torna factível como cena e da qual se espera a indignação provocada pelo documentário, preconceito e violência social. É posto para leitura dramática o processo de 1879 da escrava Felicidade, que pleiteia a liberdade, que lhe é concedida de maneira temporária, já que a sentença a obriga a trabalhar ao lado da mãe, por mais três anos para o mesmo senhor contra o qual ela já lutou. O absurdo do veredito fica exposto, ressaltado pela descrição dos meandros da legislação que, pelo termo como a justiça é distribuída, como atenuação na defesa, revelando bem mais do que o sistema político-social escravocrata e democrático atual, pretendiam que o fosse. Talvez por essa razão, a dramaturgia de Chaves angula o aspecto do documento, introduzindo, com quebra narrativa, o extraordinário Serravallo de Santo Antônio aos Palcos, do padre Antônio Vieira, trecho retirado da peça de Tchecov e relatado narrativo sobre a escravidão. A estrutura narrativa, lida, espelha-se, revelando por si mesma, candente nas entrelinhas, espelha-se na indignação, é a própria encenação e diálogo que se abrem para se fazer teatro, sem o populismo da solididade das intervenções dirigidas e o pretérito quando pelo politicamente correto. A força de que é dita, nos documentos e na sua transposição cênica, está no modo como se volta ao passado para falar e olhar no presente, na busca de formas não dramáticas para englobar como tal. A análise legislativa da documentação, em alguns momentos, pode mostrar a dificuldade de um ator em corporificar a cena interpretativa, o que acontece quando reduzida a mera explicitação da palavra, tornando a atuação redundante. Mesmo que a direção intente manter a dialética em constante re-invenção, estão (humor, leitura franca, ação subjetiva, emoção, racionalidade) e construção de uma teatralidade a serviço de

espírito da montagem, com destaque para a inteligência interpretativa de Elisa Pinheiro, a presença do humor de Peter Boos, a emoção genuína de Edson Cardoso, e para as múltiplas e precisas intervenções de

Andy Gerckler, Daniele Martins de Farias, Flávia Cato e Rita Fischer. A sutil solução coreográfica de Fernando Mallo da Costa e a música de Talo Taldona complementam essa montagem, aparentemente da recepção mesmo não, mas suficientemente envolvente para trazer o espectador aos portais da intelectualidade, conduzindo-o por tribos humanas que habitam o espaço e para o olhar rápido que não quer

2015 (3)
2014 (84)
2013 (96)
2012 (76)
Janeiro (18)
Fevereiro (5)
Março (8)
Abril (14)
Maio (5)
Junho (8)
Julho (4)
Agosto (4)
Setembro (1)
Outubro (1)
Novembro (1)
Dezembro (1)
19ª Semana da Temporada 2012
18ª Semana da Temporada 2012
17ª Semana da Temporada 2012
Abril (8)
Março (13)
Fevereiro (7)
Janeiro (7)
2011 (84)

Followers (114)

“(...) with emphasis on the interpretative intelligence of Elisa Pinheiro, the presence of humor of Peter Boos, the genuine emotion of Edson Cardoso (...)”

LUIZ, Macksen. Blog Macksen Luiz. “Negra Felicidade”. Rio de Janeiro, 2012.

<http://macksenluiz.blogspot.com.br/2012/05/18-semana-da-temporada-2012.html>

Ousadias do século XIX

Trupe estreante reúne em *Labirinto* três comédias do dramaturgo gaúcho Qorpo-Santo

AVALIÇÃO 🌪️

Conhecido como Qorpo-Santo, o gaúcho José Joaquim de Campos Leão (1829-1883) foi um autor ousado. Presentes em suas peças, temas como infidelidade, emancipação feminina e homossexualismo davam o que falar no Brasil Imperial — e são assuntos quentes até hoje. Moacir Chaves apostou na atemporalidade do dramaturgo ao reunir três de suas comédias em *Labirinto*, montagem de estreia da Alfândega 88 Cia. de Teatro.

Com treze integrantes, o elenco é submetido a uma prova de fogo. Enfrenta intrincadas falas saídas do século XIX, ora em formato de jogral, quando um mesmo personagem é representado por diversos atores, ora à maneira convencional. Essas e outras soluções cênicas contribuem para privilegiar o texto de Qorpo-Santo, naquele que é o grande acerto do espetáculo.

A *Separação de Dois Esposos* abre a sessão. Na trama, Andy Gercker e Peter Boos se destacam como os intérpretes de Tamanduá e Tatu, o primeiro casal gay do teatro nacional.

Na sequência vem *Hoje Sou Um, e Amanhã Outro*. As atenções, nesse momento, se voltam para Gabriel Gorosito (rei Dourado) e Pamela Coto (rainha Matildes). Melhor das três partes, *As Relações Naturais* traz as atuações mais inspiradas: as de Katlúscia Camoro, no papel da mãe que é cafetina das próprias filhas, e Elisa Pinheiro, merecedora de aplausos pela caracterização da filha intérpreta, de voz estridente e quase incompreensível. Iluminação de Aurélio de Simoni e cenário minimalista de Fernando Mello da Costa contribuem para o sucesso da montagem. O mesmo não se pode dizer dos deslocados figurinos de Inês Salgado, que remetem aos anos 70 (do século XX).

Labirinto (90min), 14 anos. Estreou em 10/2/2011. Espaço Sesc — Teatro de Arena (189 lugares), Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana, ☎ 2547-0156. Quinta a sábado, 21h; domingo, 19h30. R\$ 16,00. Bilheteria: a partir das 15h (qui, a dom.). Até domingo (27).



Elisa Pinheiro, Katlúscia Camoro, Mariana Guimarães e Adriana Seiffert: bons desempenhos

Serviços de venda de ingressos

IC Ingresso.com ☎ 4003-2330. Cc: todos. www.ingresso.com | IR Ingresso Rápido ☎ 4003-1212. Cc: C, D, M e V. www.ingressoapado.com.br | TM Ticketmaster ☎ 0300 7896846. Cc: todos. www.ticketmaster.com.br | TT Ticketonic ☎ 3344-5500. Cc: A, M e V. www.ticketonic.net

Postos de venda de ingressos

Posto BR Boulevard R. Uruguai, 40, Tijuca. 09/20h. Acima do nível | Modern Sound R. Barata Ribeiro, 502, Lapa O, Copacabana. ☎ 2540-5005. 09h30/20h (sob. até 09h). Acima do nível, cartões de crédito A e V e cartão de débito V. | Finac BarraShopping Avenida das Américas, 6666, Loja B, 100/114, Barra. ☎ 2199-2000. 10h/20h (sob. 13h/20h). Acima todos os cartões de crédito e cartões de débito R e V.

Cartões de crédito e débito

Cc: A American Express | D Dinners | M Mastercard | V Visa Cc | M Maestro | R Rede Shop | V Visa Electron

Símbolos

♿ acesso para deficientes físicos | ♻️ metrô a menos de 500 metros

“In the plot, Andy Gercker and Peter Boos stand out as the interpreters of Tamanduá and Tatu, the first gay couple of national theater.”

BRAZ, Carlos Henrique. Magazine Veja Rio. “Ousadias do Séculos XIX”. Rio de Janeiro, 2011.

“This happens, for example, in the case of Peter Boos’s Mathieu, that seems to say his difficult to leave home through the subtle breaking of his hip, what gives us a sense of circularity, of spinning around himself, especially at the time that the character can reveal his desires, which are more configured as typified projections than as personal choices.”

CESARE, Dinah. Website Questão de Crítica. “Uma encenação na frontalidade”. Rio de Janeiro, 2011.
<http://www.questaodecritica.com.br/2011/06/uma-encenacao-na-frontalidade/>

Questão de Crítica

Uma encenação na frontalidade

Lectica de pag 4

Uma encenação na frontalidade

A encenação de Mathieu (1981) é considerada uma das melhores obras de teatro do Brasil. O autor, francês, escreve com uma linguagem clara e direta, mas não menos profunda. A história que conta é a de um jovem que luta para conquistar a vida que deseja. O texto é escrito em primeira pessoa, o que cria uma sensação de proximidade com o leitor. A linguagem é simples e direta, mas não menos profunda. A história que conta é a de um jovem que luta para conquistar a vida que deseja. O texto é escrito em primeira pessoa, o que cria uma sensação de proximidade com o leitor.

O texto de Boos é bastante interessante e revela a complexidade do personagem de Mathieu. O autor, francês, escreve com uma linguagem clara e direta, mas não menos profunda. A história que conta é a de um jovem que luta para conquistar a vida que deseja. O texto é escrito em primeira pessoa, o que cria uma sensação de proximidade com o leitor.

A linguagem de Boos é bastante interessante e revela a complexidade do personagem de Mathieu. O autor, francês, escreve com uma linguagem clara e direta, mas não menos profunda. A história que conta é a de um jovem que luta para conquistar a vida que deseja. O texto é escrito em primeira pessoa, o que cria uma sensação de proximidade com o leitor.

O texto de Boos é bastante interessante e revela a complexidade do personagem de Mathieu. O autor, francês, escreve com uma linguagem clara e direta, mas não menos profunda. A história que conta é a de um jovem que luta para conquistar a vida que deseja. O texto é escrito em primeira pessoa, o que cria uma sensação de proximidade com o leitor.

O texto de Boos é bastante interessante e revela a complexidade do personagem de Mathieu. O autor, francês, escreve com uma linguagem clara e direta, mas não menos profunda. A história que conta é a de um jovem que luta para conquistar a vida que deseja. O texto é escrito em primeira pessoa, o que cria uma sensação de proximidade com o leitor.

O texto de Boos é bastante interessante e revela a complexidade do personagem de Mathieu. O autor, francês, escreve com uma linguagem clara e direta, mas não menos profunda. A história que conta é a de um jovem que luta para conquistar a vida que deseja. O texto é escrito em primeira pessoa, o que cria uma sensação de proximidade com o leitor.

O texto de Boos é bastante interessante e revela a complexidade do personagem de Mathieu. O autor, francês, escreve com uma linguagem clara e direta, mas não menos profunda. A história que conta é a de um jovem que luta para conquistar a vida que deseja. O texto é escrito em primeira pessoa, o que cria uma sensação de proximidade com o leitor.

O texto de Boos é bastante interessante e revela a complexidade do personagem de Mathieu. O autor, francês, escreve com uma linguagem clara e direta, mas não menos profunda. A história que conta é a de um jovem que luta para conquistar a vida que deseja. O texto é escrito em primeira pessoa, o que cria uma sensação de proximidade com o leitor.

O texto de Boos é bastante interessante e revela a complexidade do personagem de Mathieu. O autor, francês, escreve com uma linguagem clara e direta, mas não menos profunda. A história que conta é a de um jovem que luta para conquistar a vida que deseja. O texto é escrito em primeira pessoa, o que cria uma sensação de proximidade com o leitor.

O texto de Boos é bastante interessante e revela a complexidade do personagem de Mathieu. O autor, francês, escreve com uma linguagem clara e direta, mas não menos profunda. A história que conta é a de um jovem que luta para conquistar a vida que deseja. O texto é escrito em primeira pessoa, o que cria uma sensação de proximidade com o leitor.

O texto de Boos é bastante interessante e revela a complexidade do personagem de Mathieu. O autor, francês, escreve com uma linguagem clara e direta, mas não menos profunda. A história que conta é a de um jovem que luta para conquistar a vida que deseja. O texto é escrito em primeira pessoa, o que cria uma sensação de proximidade com o leitor.



“(...) and Peter Boos is sometimes incomprehensible and, no one knows why, moving strangely and jumping while saying all his final speech.”

HELIODORA, Bárbara. Newspaper O Globo. “Não há horror que resista à falta de dramaturgia”. Rio de Janeiro, 2009.

Festa de família: Adaptação de filme para o palco não consegue superar diferenças entre as artes

Abismo escancarado de linguagens

Barbara Heliodora

TEATRO
CRÍTICA

As linguagens, os recursos técnicos, assim como a relação entre o espectador e a tela ou o palco, e a "Festa de família", do filme dinamarquês homônimo, em cartaz no Teatro III do Centro Cultural do Banco do Brasil deixam expostas essas imensas diferenças entre cinema e teatro. A adaptação de David Eldridge, assim como a tradução de José Almino, fazem considerável esforço para superar o abismo entre as duas artes, mas a tentativa de usar o corte cinematográfico para a dramaturgia teatral não consegue chegar lá.

Cenografia agrava problemas da adaptação

O que na tela consegue, sem problemas, expressar simultaneidade de duas etapas da ação, no palco cria tropeços para o fluxo da trama, deixando quase sempre, de algum modo, a impressão de que as cenas ficam inacabadas, insuficientes para cumprirem sua função na criação do todo. E nem fica, com a mesa posta no palco, estabelecido o isolamento, único elemento capaz de justificar que, diante dos acontecimentos, todos ainda permaneçam na casa para arrematar os conflitos da noite no café da manhã seguinte.

O despojamento da encenação, em torno da mesa da sala



Divulgação/ Guga Meigar

CENA DE
"FESTA
de família",
adaptação para
o teatro do
longa-
metragem
dinamarquês,
em cartaz no
CCBB

de jantar, e todos os personagens indo para seus quartos em um mesmo praticável no centro, agrava mais o conflito entre as linguagens, e é uma surpresa ver a cenografia de Bel Lobo voltar à ideia do espelho, que esteve em moda há uns 20 ou 30 anos, para refletir a cena (e supostamente levar o público a uma maior conscientização). Os figurinos de Flávio Souza são rotineiros, não condicionados pela estação e a temperatura, como é tudo na Escandinávia. A direção musical de Marcelo Alonso Neves usa canções que obviamente se integram na cultura dinamarquesa mas não conseguem criar um clima espe-

cial para nós.

A direção de Bruce Gomlevsky é resultado de sua admiração pelo filme, mas, para quem não o conhece, a gritaria é um tanto exagerada, buscando um ritmo e um estilo que nos são estranhos: tudo fica um tanto arbitrário, sem conseguir estabelecer como aquela família se manteve ao menos aparentemente unida até a explosão na noite dos 60 anos do pai. Michael (Otto Jr), o irmão mais moço, é de uma grossura insuportável, enquanto Christian (Bruce Gomlevsky), o mais velho, mistura o bom comportamento com a denúncia, sem ligação entre um e outra. O pai in-

terpretado por Walney Costa não oferece maior definição como personagem, e o mesmo acontece com todo o elenco numeroso (Carlos Veiga, Carolina Chalita, Gustavo Mewlio, Joelson Gusson, Julia Carrera, Júlia Lim Lima, Leonardo Corajo, Peter Boos, Ricardo Damasceno, Risa Landau e Teresa Fournier). De certo modo, os cortes rápidos são responsáveis por essa falta de individualização em um elenco formado apenas por tipos encarregados de determinada ação.

Não há dúvida de que foi feito um grande esforço, mas o resultado não chega nunca a ser satisfatório. ■

"The father played by Walney Costa does not offer higher definition as a character, and so do all the large cast (Carlos Veiga, Carolina Chalita, Gustavo Mello, Joelson Gusson, Julia Carrera, Julia Limp Lima, Leonardo Corajo, Peter Boos, Ricardo Damasceno, Risa Landau and Teresa Fournier)."

HELIODORA, Barbara. Newspaper O Globo. "Abismo escancarado de linguagens". Rio de Janeiro, 2009.



“It is a dry play, with mature actors, with some emphasis to Otto Jr., Peter Boos (singing and remaining loyal to the spirit of the party for which he was invited, trying to save at all costs what has no possible redemption) and the Bruce himself (...)”

VASCONCELLOS, Edvard. Blog Estudos de Teatro Brasileiro. “Crítica do espetáculo: Festa de Família”. Rio de Janeiro, 2009.

<http://estudosdeteatrobrasileiro.blogspot.com.br/2009/09/critica-do-espetaculo-festa-de-familia.html>

CRÍTICA | TEATRO | O JARDIM DAS CEREJEIRAS

Um texto ainda inesgotável

Montagem segue os paradigmas do clássico de Tchekhov

Macksen Lulz

O *Jardim das Cerejeiras*, escrito por Antão Tchekhov nos anos finais da Rússia czarista, é um inesgotável texto pela capacidade de provocar tantas e tão variadas interpretações com a sua poética melancólica, penetrante visão social e declinante desejo de vida. Qualquer que seja a perspectiva que se adote na sua encenação, ressaltam-se possibilidades múltiplas de reinterpretar o esfecelamento da decadente família da aristocracia rural russa, que perde sua propriedade. Os sentimentos que percorrem os aristocratas empobrecidos se confundem com os dos criados que gravitam em torno de uma mesma mação de vontades, de impulsos interrompidos e de um cotidiano dissimulador.

Do passado reconstruído de lembranças mitificadas restam as tentativas de encontrar algum sentido para o sempre vivido. As palavras, muitas contraditórias, eventualmente esperanças, escondem as reais emoções, e se transformam em profundo silêncio partilhado pela necessidade de se manter na superfície, respirando o ar pesado do que passou, o nãrefeito do presente e a angemia do futuro. O mundo dos personagens está ruindo, pode ser que algo se insinue mais adiante, mas a imobilidade está dentro de cada um deles, como universos dispersos, incapazes de realizar desejos, enfraquecidos pelas frustrações de origem, condenados às suas fraquezas e toldados pelo desgastante trabalho de se manterem vivos.

Tchekhov impune essa canção de aspirações despojadas de força vital a

futuro incerto e inevitável, se movem com a mesma inadequação do velho e decrépito mordomo, esquecido quando todos partem. A solitária governanta Charlota não é menos desamparada do que a criada Daniacha, ou a proprietária Andreiema. Todos se tornam protagonistas da mesma jornada existencial, em que a derrocada é tão iminente quanto a chegada dos veranistas aos domínios das cerejeiras. O autor também quebra com a densidade com interferências de humor, que cortam, dramaticamente, a suavidade das emoções expostas, as palavras interrompidas por evocações interiores e as pausas que

Nova versão perde um pouco da melancolia e tem toques de humor

preenchem o vácuo das tensões.

O diretor Moacir Chaves fez uma leitura segundo os paradigmas de Tchekhov, procurando o equilíbrio entre o caráter realista da trama, os pontos de "comédia" e a "intereza" narrativa do texto. A opção do diretor, ainda que se aproxime do autor, ao menos em tese, dimensiona essa convergência com meios contrastantes. As rubricas são ditas pelos atores como uma indicação clara de que os aspectos cenográficos e a interiorização dos intérpretes ficam num plano secundário. O cenário com longos bancos que delimitam o palco, recoberto por

do piso, destacando as figuras que o ocupam como imagens vivas dessa composição visual. Mas tanto a cenografia quanto a iluminação se ressentem de tonalidades mais aris. A sonoridade, embora essencial, é aguçada com música que abafa as vozes ou se torna monótona. Ou então se dilui, por se fazer quase imperceptível, na cena do coete das cerejeiras. A luz, de auras e ocisos, se ofusca para acender a coreografia de xadrez teatral estertizante.

Ao evitar qualquer "psicologização", Chaves fez tábula rasa das nuances e sutilezas, de olhares e silêncios, de detalhes e minúcias, para acentuar o desvendamento e o exterior, o riso e a "desdramatização". Nesse desenho uniforme de um primeiro plano revelador, perdem-se a melancolia e o *sofisticado*, *ganha* se em método e composição. O elenco, afirmado com a proposta do diretor, persegue o formalismo de interpretações andragnmáticas, que expõem os fios desen-capados de atuações realistas. Deborah Evelyn assume com dignidade e elegância as fragilidades de Liubov, enquanto os demais atores – André Stock, Aurélio de Simoni, Cláudia Sardinha, Elisa Pinheiro, Cláudio Gomes, Júlia Marini, Leandro Daniel Colombo, Marcos Marjan, Monica Bid, Peter Boos e Sidy Correa – seguem, com maior ou menor intensidade, a linha da direção.

» Em cartaz

Teatro Maria Clara Machado
Planatório da Gávea, Rua Padre

(22) 9 11 222. 3ª FEIRA, DO JEI,
dom., às 20h. R\$ 30. 12 anos.

torno do jardim condenado a desaparecer. O estudante e a jovem Ania, vozes que se projetam para um

do qual os personagens se movimentam como peças de um jogo. A iluminação acentua os quadrúteros



ELENCO – Deborah Evelyn com Cláudia Sardinha (deitada) e Elisa Pinheiro (à esquerda); na linha da direção

“Deborah Evelyn assumes with dignity and elegance the weaknesses of Liubov, while the other actors – André Stock, (...) Peter Boos and Sidy Correa – follow, with greater or lesser intensity, the line of direction.”

LUIZ, Macksen. Newspaper Jornal do Brasil. “Um texto ainda inesgotável”. Rio de Janeiro, 2008.

PHOTOS OF PETER BOOS ON SCENE



"Elis, A Musical" (Elis, The Musical). 2013-2014.



“Os Sapos” (The Frogs). 2013.





“Ralé” (The Lower Depths). 2013.





“O Banqueiro Anarquista” (The Anarchist Banker)





“Os Trabalhadores do Mar” (Toilers of the Sea)



“A negra Felicidade”
(The black Happiness). 2012.





“Joaquim e as Estrelas” (Joaquim and Stars). 2010.





“O Retorno ao Deserto” (Return to the Desert). 2011.



“Labirinto” (Labyrinth). 2011.



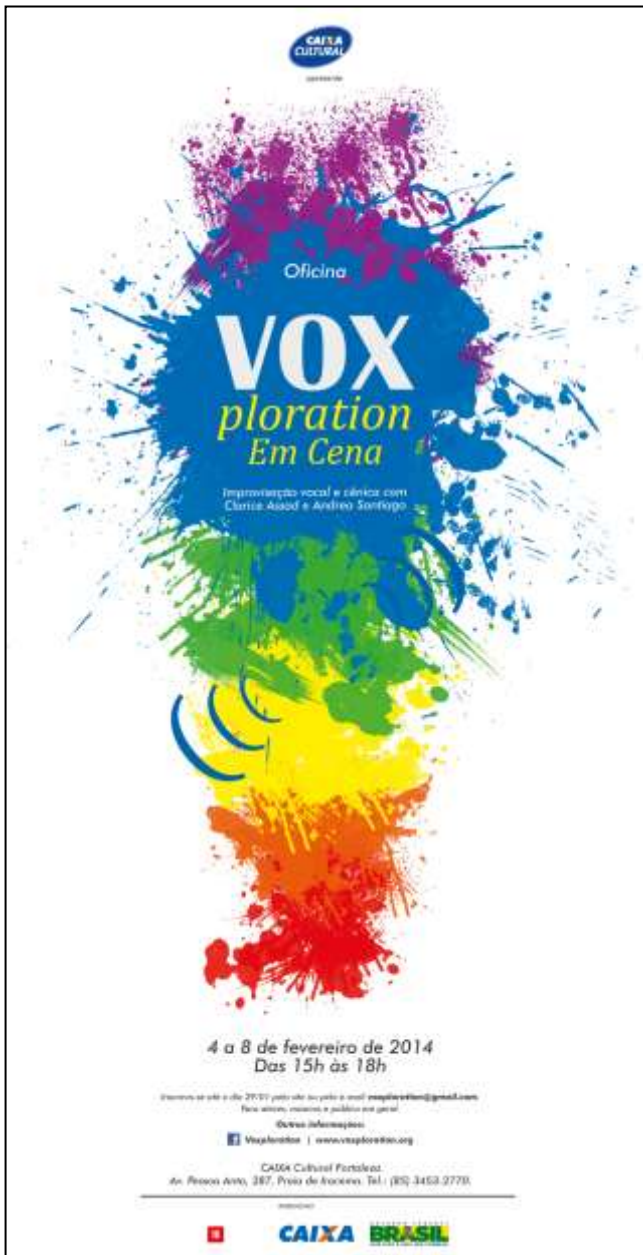
“Ecos da Inquisição” (Inquisition Echoes). 2009-2010.





“O Jardim das Cerejeiras”
(The Cherry Orchard). 2008.

A FEW GRAPHIC ART PIECES CREATED BY PETER BOOS



Workshop Voxploration Em Cena.

2014.





"O Banqueiro Anarquista" (The Anarchist Banker). 2013.




AQUELEQUEMELÊ

Concepção e Direção de CAROLINA VIRGÔEZ

direção: ALVARO ANTONIO, AMANDA RAMOS, ANDRÉ DE LUCA, BÁRBARA DOMENEGES, FERNANDA VIZIEL, ESELDIA PRADO, LAÍS KENSEN, LEOPOLDO BARBATO, PHELPE MORAES, THIAGO ROSA.
 adaptação dramática: Carolina Virgôez | textos: Álvaro Antunes | direção: Ricardo Machado | produção executiva: Roberto Lima | direção musical: Luiz de Castro Lima Neto | produção de teatro: Gustavo Moraes Sales | música: Wagner Garcia | produção geral: João Lopes | produção executiva: Peter Bacci | produção: Stella Frade | www.quequeque.com.br

19, 20, 26 e 27 de março; e 02 e 03 de abril (quartas e quintas), às 20h.
TEATRO MUNICIPAL GONZAGUINHA - CENTRO DE ARTES CALDUSTE DALBENIAN N.
 Rua São João/1400, 75, Centro Histórico de São Paulo/SP. Informações: (11) 3274-0030. Ingressos: R\$20 inteira, R\$10 meia e R\$5 estudante de teatro. 50% de desconto com cartão pré-pago do teatro. Estabelecimento ao local.

facebook.com/aquelequeque

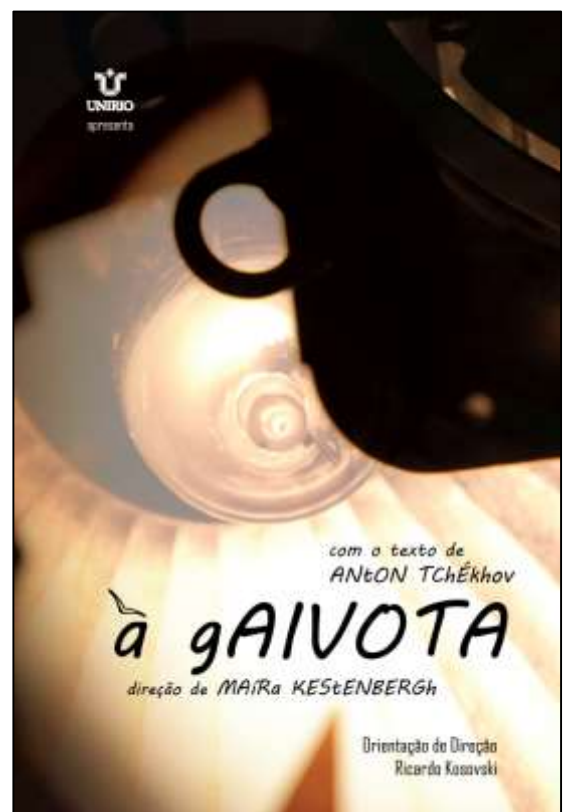



Play "Aquelequeemelê". 2013.



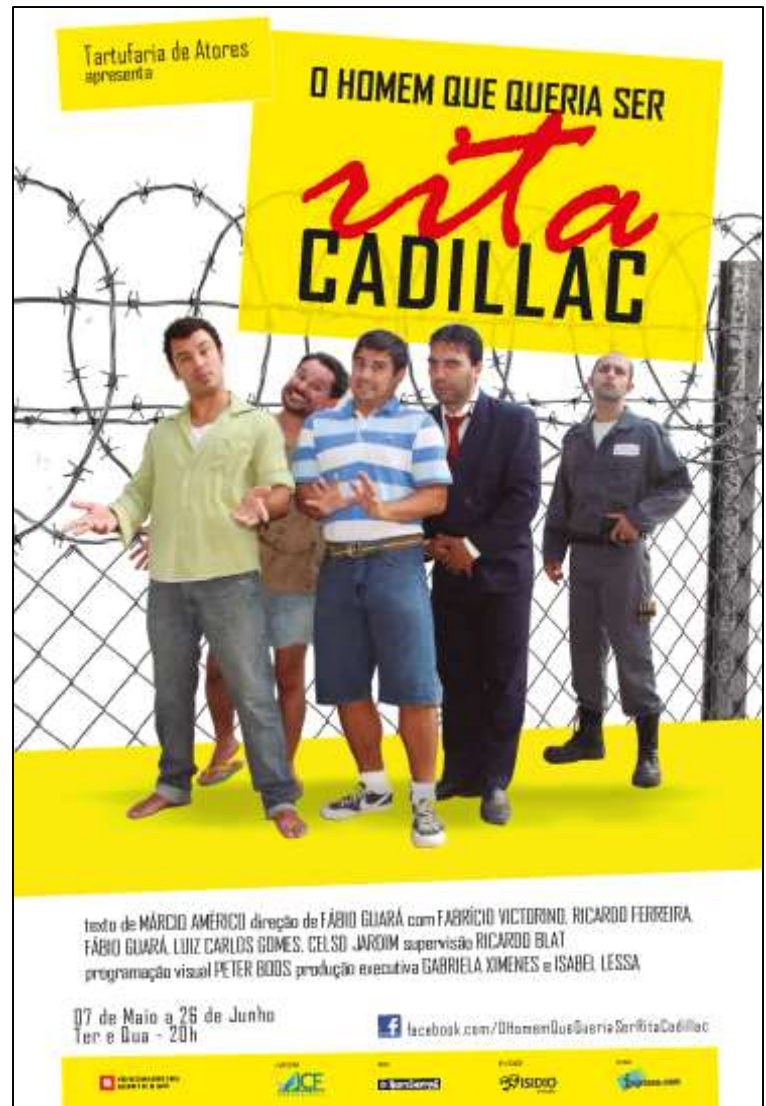
“À Gaiivota” (The Seagull).

2012.





“O homem que queria ser Rita Cadillac”. 2013.



— Por, é verdade que no fim de ano não tem um
pôr de sol? Perguntou Gustavo.

— Papá, não estamos falando de ano-ano? The-
gerson Thiago.

Os três perceberam que estavam no caminho
daquela alface ambrosiônica. E o Papá na verdade
papá Sérgio, não na cidade. Não, sem antes sa-
ber que não era possível alcançar o fim do ano-ano
porque ele sempre estava girando à toa no céu, que
o letra era redonda e que naquele letra de luz color-
rido não mais era do que um morar de gases héli-
cosos, era formado de um arco, de um arco, de um
sentido, que deixava o mundo todo ao ar do
Sol. E que, o ano-ano passava em volta do planeta.

Porém, não havia um ponto final no mo-
do. E se não havia um ponto final, não havia como
chegar ao fim dele. Papá explicou, explicou e ex-
plicou, mas não conseguiu convencer ninguém. Ao
então não se deixou por satisfeito e imediatamente
botando um papelão por sobre o plano para pagar o
posto de ouro que estava aguardando ao fim do ano-
ano.

Mas, a chuva passou, o Sol continuou radi-
ante, e, porém a noite, o céu não foi desapaesado
e o plano foi ficando por um outro dia, por um

outro ano-ano. Hoje era dia do umbone e as algeias
da cidade.



11

12

das coisas fofas no céu. Depois um grito:

— O que está aí? Para Thiago, não tinha que
ser para os dois irmãos. Era a vez do Cato, enquanto
os dois, não, de...

Gaga se animou tanto e começou a gritar, cha-
mando pelos irmãos. Descreveu uma árvore por
entre as raízes da papaita, muito enfim a cabeça e
descreveu que os seus irmãos tinham cada um ba-
nho.

A verdade é que, muitos anos, de Gustavo
abriram os irmãos, Cato, assim como sempre, sem
devidamente comendo na frente e acabou impo-
do de uma coisa de lenha e quando não havia nada
por entre as raízes da árvore. E os irmãos pra
dentro do buraco e não lá embaixo.

Thiago não sabia que era uma brincadeira
tipo de novidade, e correu via Cato então no buraco,
acertando para dentro também. Cato não se ca-
beça de Cato, pois como quando Gustavo abria
seus dois irmãos.

Ao ouvir Gustavo se aproximando, Thiago e
Cato começaram a gritar pedindo socorro, mas Gus-
tavo entendeu que eles o estavam chamando para
uma aventura no zoo. Uma grande aventura.

Gustavo então se escondeu também e,



13

14



Como era o melhor lugar dos três, Thiago
foi o primeiro a mergulhar. Foi à frente do trio e
começou primeiro um daqueles mergulhos inusitados.
Seu primeiro mergulho foi de modo, um atre-
pido mesmo como de um corpo inteiro. Depois, com a
chegada dos irmãos, Thiago se mudou de mergulho
e foi lá atrás com um pouco diferente, o modo lento de

15

modo, muito lento, que parecia ser o modo velho do
grupo. Para sua sorte e a de seus irmãos, o velho
grupo, além de não ser alimentado, acabou es-
tando fazendo um treinamento dentro do lago e depois
filiados de comer carne, sobretudo crianças, sem po-
derem proibido. No entanto, os novos grupos queriam
porque queriam comer os três papaitas irmãos,
mas o primeiro foi o primeiro, e em ele quem mandava
no lago.

Gustavo então chegou a fazer e lá dentro lá
de dentro e imediatamente, que os grupos começaram
a ficar cansados, não tinham, não. E Gustavo
não conseguiu de comer suas histórias inusitadas.
Havia um choro de papaita, que se viu, não ha-
via um outro algum.

Depois de alguns minutos tentando sem
nenhuma coisa de água, todos aproximaram-se
pé na cabeça, os olhos desataram daquela "su-
brevida" e se aproximaram a sair do lago. E foram
com medo que os irmãos Gustavo se
quarto estavam sendo chamados. Aquilo
deu uma sensação indigestão e assa-
do e sair dali.

Preocupados-se, então um ou lá
e ficaram com "pau" com suas que

16



Capítulo Quinto:

Uma aventura no lago do papaita.

THIAGO ESTAVA certo, ele não esperava que fo-
ssem tão lentamente em uma vida. E qual não
foi a surpresa dos três irmãos papaita quando, no
soluções do buraco da lenha, desceu do céu com o
figo-de-burgo e então do zoológico.

A primeira coisa seria comer o mais rápido
possível, mas, o sempre conhecido Gaga, seguiu
as instruções e disse que se o figo não veio com
nenhuma coisa seria desobediência, por isso que
então, não seria capaz de comer mais de

17

Artistic direction of the Book
“Os Trigêmeos –
Uma Aventura no Zoo”. 2011.



Graphic arts for the Project

“Alfândega 88 /// Residência Artística no Teatro Serrador”.

2012.





Projeto de Apoio do Estado de São Paulo e do Conselho Municipal de Cultura

Alfândega 88 /// RESIDÊNCIA ARTÍSTICA NO TEATRO SERRADOR

UMA BOVETTI FILMS

PROGRAMAÇÃO REFERENCIAL 2022 - JUNHO / SETEMBRO

A ALMA IMORAL
 com Carlos Millaud
 A obra conta com um elenco com atuação em nível profissional, sob a supervisão de direção de teatro.

5.
 O ponto de encontro de Amara Toldano
 FUGITS e FUGITS de Amara Toldano

A NEGRA FELICIDADE
 direção de Manoel Chaves

O TREM, O VAGÃO E A MOÇA DE LUVAS **EXTIMA**
 direção de Renato Borghi

A DESCOBERTA DAS AMERICAS
 direção de Manoel Chaves

LABIRINTO
 direção de Sérgio Zottis

APENAS O FIM DO MUNDO **EXTIMA**
 direção de Manoel Chaves

CONVERSAS INVERSAS HISTÓRIAS DIVERSAS
 direção de Sérgio Zottis

LETURAS DRAMATIZADAS
 DE MARLYS DE SAUSSE, de Mônica Faria, direção de Amara Toldano

OFICINA
 OFICINA DE OFICINA DE OFICINA

INÍCIOS COM ACESSIBILIDADE NA COMUNICAÇÃO
 PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Projeto de Apoio do Estado de São Paulo e do Conselho Municipal de Cultura

Alfândega 88 /// RESIDÊNCIA ARTÍSTICA NO TEATRO SERRADOR

UMA BOVETTI FILMS

PROGRAMAÇÃO REFERENCIAL 2022 - JUNHO / SETEMBRO

O TREM, O VAGÃO E A MOÇA DE LUVAS
 direção de Renato Borghi

APENAS O FIM DO MUNDO
 direção de Manoel Chaves

A DESCOBERTA DAS AMERICAS
 direção de Manoel Chaves

A NEGRA FELICIDADE
 direção de Manoel Chaves

LABIRINTO
 direção de Sérgio Zottis

VALSA Nº 6 **EXTIMA**
 direção de Renato Borghi

OS TRABALHADORES DO MAR **EXTIMA**
 direção de Renato Borghi

5.
 O ponto de encontro de Amara Toldano

LETURAS DRAMATIZADAS
 DE MARLYS DE SAUSSE, de Mônica Faria, direção de Amara Toldano

DEBATE
 DEBATE

INÍCIOS
 INÍCIOS

PROCURAR-SE LUCRO DESPERERADAMENTE
 direção de Renato Borghi

Projeto de Apoio do Estado de São Paulo e do Conselho Municipal de Cultura

Alfândega 88 /// RESIDÊNCIA ARTÍSTICA NO TEATRO SERRADOR

UMA BOVETTI FILMS

PROGRAMAÇÃO REFERENCIAL 2022 - JUNHO / SETEMBRO

Agenda

A ALMA IMORAL	A NEGRA FELICIDADE	PONTO DE FUGA	INÍCIOS	LABIRINTO
A DESCOBERTA DAS AMERICAS	OS TRABALHADORES DO MAR	VALSA Nº 6	DEBATE	A ALMA IMORAL



Artistic Director of Star Palco Magazine,
with monthly publications,
in Rio de Janeiro, since 2012.



Prefeitura de Rio / Cultura
Teatro Municipal Café Pequeno

Terças e Quartas às 21h, de 10 de Março a 1º de Abril de 2009.
TEATRO MUNICIPAL CAFÉ PEQUENO, Av. Ataulfo de Paiva 268, Leblon. Tel: (21) 2294-4488. Ingresso R\$ 20 - Meia R\$ 10.

Trilha Sonora: ISADORA MEDELLA. Cenografia: MANDEL PUCCI. Iluminação: ANDERSON RATTU. Figurino: CLÁUDIO SERRA. Preparação Corporal e Direção de Movimento: JULIANA MEDELLA. Preparação Vocal: JANE CELESTE. Nozes em: ELISA PINHEIRO e ANTÔNIO KARNEVALE. Fotos: CELSO MEDEIROS. Programação Visual e Assistência: PETER BOUS e CAROLINA GOBINHO. Produção Executiva: CHAYANNA FERREIRA. Direção de Produção: ESTELA ALBANI.

TEXTO E ATUAÇÃO: CÉSAR AMORIM. DIREÇÃO: DIEGO MOLINA.

Não matei, mas sei quem fui.



“Não matei, mas sei quem fui.” 2009.

SUGGESTED LINKS

catracacatraca.art.br

Website of the performance “Catracacatraca”,
created by Fernanda Vizeu and Peter Boos.

peterboos.com.br

Official Peter Boos’s website.